

A Voz do Profeta

de Alexandre Herculano

INTRODUÇÃO

1867

Depois da época em que o seguinte opúsculo foi publicado e dos factos que lhe deram origem, têm decorrido mais de trinta anos . Os homens que intervieram nesses factos dormem já, pela maior parte, debaixo da terra. Com raras excepções, restam apenas alguns dos que eram mais moços. O autor da *Voz do Profeta* pertence a esse número. Contava vinte e seis anos naquele tempo.

O homem de hoje pode julgar imparcialmente o escrito do homem de então. O ânimo tranquilo pode avaliar a paixão que o inspirou. Aqueles a quem esse verbo ardente feria viram no autor um partidário que friamente calculava os resultados políticos das suas palavras. Injustiça ou erro; o mesmo que havia da parte dele em ver nos homens que forcejavam por dirigir a revolta de 1836, por fazer sair desse facto um governo regular, grandes criminosos. A verdade era que, nuns davam-se ambições, mas ambições talvez nobres; noutros houve, de certo, o sacrificio das próprias simpatias, o silêncio imposto às próprias convicções, para que a revolta não degenerasse em anarquia. Em muitos desses indivíduos, aparentemente revolucionários, havia o patriotismo reflexivo, e até a abnegação, enquanto em nós, os que os agredíamos com a sinceridade da indignação, havia, por amor exagerado aos bons princípios, uma cólera que em muitas coisas ofuscava a razão. *A Voz do Profeta* representa esse estado dos espíritos.

Hoje a exageração sincera do insulto, a invectiva hiperbólica, inspirada, não pelo cálculo, mas pelas irritações da consciência, mal se compreende. Neste crepúsculo da vida pública, tão favorável às prostituições do cidadão, como o crepúsculo do dia às prostituições da mulher; nesta época de extrema agonia, iniciada pela proclamação dos *interesses materiais* acima de tudo, fórmula decente de santificar o egoísmo, porque para cada indivíduo o interesse material alheio é apenas um interesse de ordem moral; agora que a boa educação dos homens novos mudou a linguagem política, e vai arrojando para os arcaísmos históricos a luta face a face, a punhalada pelos peitos; agora que a estricnina da alusão caluniosa e amena, o enredo tortuoso, a traição ridente vão expulsando da arena das facções as objurgatórias, rudes na substância e na forma, a *Voz do Profeta* é, sem dúvida, uma composição agreste e brutal. Inútil como exemplo e modelo, servirá todavia como amostra do que eram as malevolências da geração cujos raros representantes, hoje quase estrangeiros no seu país não tardarão a ir esconder no túmulo as últimas grosserias que deturpam a suavidade dos costumes e as tolerâncias de toda a espécie dos cultos filhos de bárbaros.

Os homens que em 1837 se agrediam violentamente na imprensa e no campo tinham, de feito, hábitos e sentir diversos dos actuais. As febres políticas eram então ardentes, indomáveis, porque derivavam de crenças. Naquela época havia, como houve sempre, belforinheiros da política; mas constituíam a excepção. O geral era gente baptizada com fogo e com sangue nas duas religiões inimigas do absolutismo e do liberalismo. Chamo-lhes religiões, porque o eram. A guerra civil, que terminara em 1834, tivera muitos dos caracteres das antigas cruzadas. Sobretudo nos primeiros ímpetos dela, haviam-se praticado actos de abnegação, de constância, de valor e de sofrimento sobre-humanos, ao passo que se perpetravam outros de bruteza e ferocidade inauditas. A maior parte deles, factos obscuros, individuais, reiterados cada dia, cada hora daquele prolongado paroxismo de grandiosa barbaria, não os registou não os registará nunca a história, talvez. E todavia, é isso que explica a proceridade da estatura moral dos homens daquele tempo, estatura a que não chegaram, nem provavelmente chegarão as gerações subsequentes. Sem paixões violentas e exclusivas, não há as energias que assombram. Então a existência e os cómodos e gozos dela eram tão casuais e transitórios, as privações e dores de tão completa vulgaridade, que dar a vida ou tirá-la aos outros pouco mais significavam do que acções indiferentes. Diante do fanatismo político, a reflexão que discrimina o bom do mal, o justo do injusto, quase que era puerilidade. Podia ceder-se, e não raro cedia-se, a instintos generosos para com o adversário: a justiça em apreciá-lo moralmente, ou em respeitar-lhe os direitos, isso é que se tornara difícil.

Tais eram os homens que, depois de esmagarem a monarquia absoluta, vinham, enfim, a agredir-se mutuamente na imprensa e no campo. A revolta, desmembrando o partido liberal, constituía dois partidos violentos, daquela violência a que estavam afeitos e cujo embate devia produzir males profundos e em parte irremediáveis.

Esta cisão, logo depois da vitória, era difícil de explicar fora de Portugal. Aqui entendia-se, embora derivasse de um facto injustificável. A harmonia de opiniões, a unidade de crenças e intuits dos vencedores dissipava-se, porque realmente não existia senão nas suas relações negativas. Negava-se, combatia-se o passado. Era no que havia acordo. As aparências de união e conformidade criara-as a grandeza do perigo. A falange é e será sempre o mais poderoso instrumento de guerra, moral e materialmente. Embora, porém, houvesse diversidade de doutrinas, o que havia mais era contraposição de interesses. Para as primeiras se manifestarem e tenderem ao predomínio bastavam a liberdade da palavra oral e escrita, e a discussão paramentar. Aos segundos, dada a impetuosidade e impaciência da ambição humana, sobretudo nas raças latinas, não bastava nenhuma liberdade. Recorreu-se ao ilegal, ao tumultuário, e a revolta de Setembro de 1836 apareceu.

Quem a preparou e fez surgir? Não sei. Ostensivamente, os seus autores foram a plebe de Lisboa e alguns soldados que se negaram a dispersar os amotinados. Os indivíduos que, depois de consumado o facto, tomaram nas mãos as rédeas do governo, recusaram para si a paternidade daquele feto político. Creio que, afirmando-se inocentes, falavam verdade; senão todos, ao menos alguns. Fugir, porém, à responsabilidade de uma situação, que aliás se busca fortalecer e constituir, é indirectamente condená-la; é dizer *não* com a consciência; *sim* com os lábios. A sentença daquele motim lavravam-na os mesmos que forcejavam por convertê-lo numa coisa grave. Por outra parte, o que me parece evidente é que os governos que caem como caiu o que existia, embora simulem de vivos, estão já moralmente mortos.

E o governo de então estava-o . Por grandes que os seus serviços ao país houvessem sido durante a luta, o seu proceder depois da vitória não o abonava. Havia quem fizesse sentir isso, quem até desmesuradamente o exagerasse. Exageravam-no, sobretudo, os vencidos. Enquanto durou o ruído das armas, os lamentos destes não se ouviam; mas quando o estrondo cessou, e asserenaram os terrores, os queixumes foram-se convertendo em invectivas coléricas, e também em acusações não raro ou justificadas ou plausíveis. A liberdade da palavra falada e escrita tinha-se conquistado não só contra os defensores da censura e do absolutismo, mas também para eles. Nas expansões da sua dor e do seu despeito, no pouco ou muito que essas expansões contribuíram para o descrédito dos homens que mais cordialmente odiavam, tiveram os vencidos ocasião de reconhecer que a liberdade humana, ruim em tese, sobretudo para a salvação eterna, pode, em tal ou tal circunstância, não ser absolutamente má.

Os depositários do poder executivo tinham, porém, adversários mais perigosos. No grémio liberal houvera homens, alguns de dotes não vulgares, que, ou por despeitos pessoais, ou por falta de ânimo para afrontarem os trabalhos e riscos de cometimento desigual, ou finalmente por obstáculos independentes do seu alvedrio, tinham ficado estranhos à guerra civil, sumidos em esconderijos na própria pátria, ou acoutados na terra estrangeira para escaparem aos ímpetos da tirania. Desacordos nascidos no exílio entre alguns destes últimos e os homens de valia de quem o Duque de Bragança se rodeara quando empreendia a guerra da restauração, não tinham feito senão medrar e azedar-se progressivamente por diversas causas. Estes desacordos, que pareciam pouco importantes enquanto durou a contenda, apenas essa época tormentosa cessou, tornaram-se mais graves, porque os indivíduos que se haviam conservado como estranhos à luta em que se lhes conquistava uma pátria, tinham amigos e parciais numerosos entre os que pelejavam e venciam. Constituído o regime parlamentar, as malevolências mais ou menos latentes, converteram-se em hostilidade acerba. Esta hostilidade podia ter, o tinha em parte, motivos maus; mas, contida no âmbito constitucional, era, até certo ponto, bem fundada e útil.

Os estadistas, que, cercados durante anos de espantosas dificuldades, souberam superá-las exercendo o poder, eram indubitavelmente homens de alta esfera. Podia reputar-se problemática a virtude de um ou de outro: a capacidade e a firmeza não podiam disputar-se a nenhum deles. Afeitos a reger o país com vigor de uma ditadura, inevitável enquanto durara a guerra, e com as fórmulas militares, custava-lhes esquecerem-se dos hábitos dessa época, confundindo mais de uma vez, na praxe da administração, as duas ideias opostas, de país libertado e de país conquistado. Por outra parte, os que muito haviam padecido queriam gozar muito, e o reino, devorado por discórdias intestinas superiores às próprias forças e exausto de recursos, via comprometer o futuro da riqueza pública por larguezas, não só desarcertadas, mas também juridicamente injustificáveis. Homens que teriam legado à posteridade nomes gloriosos e sem mancha, e que, mais modestos nas suas ambições materiais, seriam vultos heróicos na história, pagaram-se como *condottieri* mercenários, ao passo que outros, depondo as armas e voltando à vida civil, exigiam ser revestidos de cargos públicos para exercer os quais lhes faltavam todos os predicados; homens cujo único título era terem combatido com maior ou menor denodo nas fileiras liberais ou haverem padecido nas masmorras os tratos da tirania. A grande, a séria, a profunda revolução que se fizera no meio do estrondo das armas levava de envolta com os dízimos, com os bens da coroa, com as capitánias-mores, com toda a farragem do absolutismo, os antigos

ofícios, moeda que por séculos servia para pagar algumas vezes méritos reais, muitas mais vezes, porém, prostituições e vilanias. Mas as funções públicas, os empregos vieram suprir essa moeda, tomando não raramente cunho análogo, e distribuindo-se com a mesma justiça e cordura. Estes e outros erros e abusos que o governo cometera, ora por impulso próprio, ora para satisfazer as influências preponderantes com que o poder tem de transigir, necessidade fatal do regime parlamentar, e um dos maiores defeitos da sua índole ainda tão imperfeita, engrossaram rapidamente, com os muitos desgostosos e indignados, a parcialidade que na origem representava antes malevolências pessoais do que antinomia de doutrinas.

Foi por isso que a revolta de Setembro, se não achou eco pelo país, também não achou nele repugnância manifesta, e pôde na capital constituir-se e tomar em poucos dias a importância que não tinha em si. A consciência da própria impopularidade, o inesperado dos acontecimentos, talvez, até o tédio e cansaço de agressões contínuas, haviam feito titubear os membros do governo decaído, tornando-os inábeis para séria resistência, enquanto os seus adversários aproveitavam o sucesso com a energia de inimizades encanecidas e de ambições até ali não satisfeitas.

Os homens que entenderam ser do seu interesse ou do interesse do país fazer surgir daquele estado anormal uma situação regular viram que a primeira necessidade era elevar o motim à altura de uma revolução. Faltava o assunto. O derribar um ministério não o subministra. Basta para isso a acção mais ou menos lenta, mas segura e pacífica, da liberdade da palavra, da imprensa e do voto. O povo que com estes recursos não sabe tirar os seus negócios das mãos de quem lhos gere mal, é um povo ou que ainda não chegou à maioridade ou que já se arrasta na senilidade. Urgiam, porém, as circunstâncias. À falta de outra coisa, proclamou-se irreflexivamente a constituição de 1822 com as modificações que decretassem as futuras constituintes.

Tinha-se, pois, feito uma revolução para obter um projecto, um texto de discussão constitucional? Se o intuito dos amotinados fora só derribar os ministros, o facto era excessivo, injustificável e portanto ilegítimo e criminoso; se porém o motim, nobilitado em revolução, tinha por alvo alterar as instituições, não menos digno de reprovação se tornava, porque era um crime inútil. A Carta encerrava em si o processo da própria reforma, processo aliás prudente, regular, exequível. Partir da constituição de 1822, acervo de teorias irrealizáveis se podiam chamar, de instituições talvez impossíveis sempre, mas decerto impossíveis numa sociedade como a nossa e na época em que tais instituições se iam assim exumar do cemitério dos desacertos humanos, era mais que insensato. A revolução, reconhecendo a necessidade de reformar o código que restabelecia, condenava-o, e condenava-se.

Parece-me que me não engano se disser que, em geral, aos liberais mais ilustrados e sinceros a nova situação política repugnava altamente. Ponderavam que a mudança das instituições políticas de qualquer país por via de uma revolução é sempre um abalo profundo cheio de riscos, e que mais de uma vez, longe de produzir o bem, tem conduzido as sociedades à sua ruína. Sem rejeitar de modo absoluto as revoluções como elemento de progresso, é certo que elas são um meio extremo. Só, talvez, a necessidade de combater o despotismo as justifique, porque só debaixo de tal regime são impossíveis quaisquer outras manifestações da opinião pública, e não existe campo diverso onde a luta do direito contra a força, das ideias novas contra os velhos abusos possa travar-se. Em 1836 essas manifestações não tinham porém obstáculo algum, e o

campo onde as doutrinas podiam debater-se, os interesses contrapor-se, os partidos dgladiar-se, era amplíssimo. Se em tais circunstâncias uma revolução fosse legítima, quais seriam aquelas em que se lhe negasse a legitimidade?

Depois, nas próprias relações políticas, o espírito humano não se dirige unicamente pela reflexão. As paixões e afectos modificam e alteram as sugestões do raciocínio; porque o homem imprime necessariamente em todos os actos da vida as condições do seu ser. A favor da manutenção da Carta não militava só a boa-razão; militavam affectos, e affectos profundos. A Carta havia sido o grito de guerra do campo liberal em lide de um contra dez. Havia sido, digamos assim, a tradução moderna do *Santiago!* de Afonso I, do *S. Jorge!* do Mestre de Avis. Nas reminiscências indeléveis de muitos de então (bem poucos hoje) estavam ainda os vivas à Carta proferidos por lábios que iam cerrar-se na morte, quando as baionetas inimigas desciam inexoráveis sobre o peito ou sobre o ventre dos nossos soldados feridos e derribados. Em nome da Carta se tinha desfeito o triângulo fatal do patíbulo, e quebrado o ferrolho da masmorra e da enxovia, em nome dela se tinham aberto para os foragidos as portas da pátria que davam para os desertos do desterro, do desterro que é sempre solidão e desventura. A Carta fora como a estrela polar da esperança nos dias, tão longos, da fome, da nudez, das tempestades, do desalento. Vivia depois como envolta na saudade desses dias, acre e quase dolorosa saudade, que nós os velhos ainda sentimos, mas que será provavelmente uma coisa ininteligível para as gerações novas.

A razão, pois, e o sentimento falavam a muitos energicamente em favor das instituições anuladas. Falavam também a favor delas a consciência e a dignidade humanas. Tinham jurado manter essas instituições milhares e milhares de homens; milhares e milhares de homens as tinham nobremente mantido com o sangue, com as privações, com a resignação ilimitada no sacrificio. Podem valer pouco os juramentos políticos; pode, até, ser absurdo o juramento em geral. Mas a quebra de promessas solenes e espontâneas, seja qual for a sua fórmula, será sempre uma vilania enquanto tiverem culto a honra e a lealdade.

Tais eram os principais incentivos que induziam grande número de liberais a constituírem um partido hostile à nova ordem de coisas. A denominação de cartista. Que esse partido adoptou, não correspondia rigorosamente às causas da sua existência, nem aos seus intuitos ou à sua índole. Mas representava até certo ponto isso tudo, ao mesmo tempo que era conciso, e facilmente comprehensível para o vulgo. O cartista não reputava todas as instituições, todos os preceitos da Carta como a mais alta manifestação da sabedoria humana. Nesta parte os liberais eram em geral ecléticos. Tanto o partido da revolução, como o anti-revolucionário nenhum tinha em si unidade completa de princípios; nem entre um e outro havia senão antinomias parciais quanto às doutrinas de direito político. No primeiro que tomava por base das ultiores reformas uma constituição democrática, exagerada até o despotismo das turbas, havia indivíduos para quem, como o tempo mostrou, as teorias da democracia ainda mais moderada eram altamente odiosas, ao passo que outras forcejavam por chegar, senão à república, ao menos a instituições republicanas. No partido cartista dava-se o mesmo fenómeno. Todas as modificações do governo representativo tinham aí fautores; tinham-nos, talvez, até, as doutrinas do absolutismo ilustrado. A meu ver, a distinção profunda e precisa entre o cartismo e o setembrismo consistia em negar o primeiro o princípio da revolução, dentro das instituições representativas livre e solenemente adoptadas ou

aceitas pelo país, e em afirmá-lo o segundo. Tudo o mais em ambos os campos era flutuante e vago.

É essa a explicação de um facto que os homens daquele tempo poderão testemunhar recorrendo às próprias reminiscências. Alistaram-se nas fileiras cartistas talvez mais indivíduos que haviam sido adversos aos ministros derribados, do que amigos e parciais seus, ao passo que alguns destes abraçavam sem hesitar a revolução. De uns e de outros se deve crer que preferiam nobremente as suas opiniões aos seus interesses, às suas afeições ou inimizades pessoais. Para muitas dessas opiniões havia lugar em ambas as parcialidades. Os que, porém, só atendiam à moralidade e cordura dos actos de administração ordinária, lançavam-se, por via de regra, na revolução; os que, sem desatender tais questões, sem aprovarem corrupções ou iniquidades a que eram estranhos e que tinham condenado, remontavam a mais elevadas considerações de ordem moral e política, abraçavam o cartismo. Não falo dos especuladores que se resolviam conforme as vantagens que se lhes antolhavam num ou noutro campo. O proceder destes tais tinha na consciência pública então, como depois, como sempre, uma qualificação conhecida.

Mas, dir-se-á, como nessa época se disse, que entre o cartismo e o setembrismo se dava uma distinção mais radical e profunda. A Carta, outorgada por D. Pedro IV, representava o direito divino dos reis; era uma concessão de senhor, em vez de um pacto social, ao passo que a constituição de 1822, derivada da soberania popular era a consagração das doutrinas democráticas. Considerada a esta luz, a revolução adquiria as proporções de um facto gravíssimo, porque assentava a liberdade em novos fundamentos, e vinha a ser um passo gigante dado na estrada do progresso político.

Na época, quase exclusivamente liberal, em que se passavam aqueles sucessos, a resposta do cartismo a estas alegações parecia fácil. Não sei se o seria agora; agora que se tem achado e demonstrado, segundo parece, não prestar para nada o liberalismo. As inteligências vigorosas da mocidade hodierna têm aberto caminho a teorias ou novas ou rejuvenescidas que nós os velhos de hoje e moços de então ou ignorávamos ou supúnhamos estéreis, e talvez pueris, e de que sorriamos, quando alguns engenhos que reputávamos tão brilhantes como superficiais, buscavam, evangelizando-as, jungir por meio delas as turbas, más porque ignorantes, odientas, porque invejosas, espoliadoras porque miseráveis, ao carro das próprias ambições. A questão da soberania popular não era precisamente o que preocupava mais os entendimentos, cultos, mas tardos, daquele tempo, e a democracia não apaixonava demasiado os ânimos, sobretudo os ânimos dos que haviam pelejado desde os Açores até Évora-Monte as batalhas da liberdade, ou padecido na pátria durante cinco anos, sem o refrigério sequer de um gemido tolerado, as orgias do despotismo. Uns tinham visto de perto a face da democracia; tinham-na visto por entre a selva de oitenta mil baionetas que fora preciso quebrar-lhe nas mãos para a liberdade triunfar; tinham-na visto nas chapadas e pendores das colinas que circundam o Porto, até onde os olhos podem enxergar, alvejando-lhe nos ombros os cem mil embornais preparados para recolher os despojos da cidade da Virgem, da cidade maldita, rendida e posta a saco; outros haviam-na visto de machado e de cutelo em punho, mutilando e assassinando prisioneiros inermes e agrilhoados. O liberalismo achara a catadura da democracia pouco simpática. Restava a soberania popular. Essa funcionara durante cinco anos e dera mostra de si. A soberania do direito divino, repartindo com ela o supremo poder, provava que não era tão ignorante como a faziam. Tinha literatura. Aplicava, modificando-o, o verso:

Divisum imperium cum *plebe* Caesar habet.

As classes inferiores constituíam então, como hoje, como não-de constituir sempre, a maioria do país, e foi a esta maioria que ela entregou os direitos que cedia. Era a legitimidade consagrando outra legitimidade. Amavam-se, compreendiam-se ambas. É que entre as extremidades há contacto às vezes. A democracia americana cuida ter inventado a lei do Linch. Puro plágio. Inventou-a em Portugal a soberania popular. Havia uma diferença. Na América a plebe prende, julga, condena à morte e executa; em Portugal o direito divino reservara para si o tribunal excepcional e o privilégio do cadafalso. Modesta no exercício do supremo poder, a soberania popular limitou-se à prisão, ao espancamento, à multa, elevada, quando ocorria, até o confisco. Se o incêndio, o estupro, o assassinio se ingeriam às vezes nesses actos judiciais, era por simples casualidade. Manchas, tem-nas o sol. O mercador, o artista, o industrial, o professor, o proprietário urbano e o rural, o homem de letras, o cultivador, o capitalista, todas as desigualdades sociais, todos esses atentados vivos contra a perfeita igualdade democrática conservaram por muito tempo dolorosas lembranças do amplexo das duas soberanias.

O liberalismo, que durante a contenda fora um pouco áspero para com a democracia, mais de uma vez também, empregara sacrilegamente a prancha do sabre e a coronha da espingarda para coibir o excesso de zelo administrativo e judicial da soberania popular. A brutalidade do liberalismo obrigara esta a abdicar após a abdicação da soberania de direito divino. Os dogmas, pois, em que se estribava a constituição de 1822, e contra os quais protestava a história, ainda palpitante, dos últimos anos, eram ineficazes, porque os tornava impotentes a heterodoxia das consciências. Duvido de que nesses rudes tempos de positivismo liberal eles obtivessem uma só conversão sincera.

O amor do real e do evidente era um dos grandes defeitos dos homens de então. O cartismo argumentava: "Que nos importa", dizia, "donde veio a Carta? A questão é se ela consagra a liberdade humana e a cerca de garantias. É deficiente? É defeituosa? Esperemos que a razão pública, a torrente da opinião force os poderes do estado a completá-las, a corrigi-la. A opinião ilustrada largamente preponderante é irresistível nos governos livres. O que não é irresistível é a opinião de alguns ou de muitos que benevolmente se encarregam de interpretar pelo próprio voto o voto comum, o voto dos que têm capacidade para o dar". "Não se reputaria louco", acrescentava o cartismo, "o representante de uma família outrora opulenta, mas reduzida à miséria por espoliação remota, que, ao vir, por impulso espontâneo, o descendente do espoliador restituir-lhe os bens extorquidos, repelisse aquele acto de nobreza e virtude, achando desar recuperá-los pacificamente? E se tal desar existiu; se a outorga da Carta e a tácita aceitação do país não podiam, aos olhos da metafísica política, elevá-la à altura de um pacto social, os imensos sacrifícios que o restaurá-la, depois de abolida, custou á parte mais ilustrada, mais rica, mais activa e laboriosa da nação, às forças vivas da sociedade, e as torrentes de sangue e de lágrimas que serviram de sacro encausto à assinatura do país não valeriam bem o plebiscito da maioria ininteligente, o plebiscito daquelas classes inferiores que pelejaram até ao último extremo, senão com valor, decerto com ferocidade, para conservar essa monstruosa e horrível soberania que a servidão lhes trouxera?"

Têm passado trinta anos depois daquela época; as paixões tempestuosas de então fizeram silêncio, e o cartismo e o setembrismo são dois cadáveres sepultados no cemitério da história. O autor da *Voz do Profeta* contempla tão placidamente o seu opúsculo como se não estranha o houvera escrito. A experiência e os desenganos fazem-no sorrir daquelas cóleras, daquelas hipérboles dos vinte e seis anos. Quantos erros, quantas ignorâncias em muitas das suas opiniões desse tempo! E todavia, ainda os sentimentos que inspiravam o cartismo no seu berço lhe parecem nobres e elevados, as doutrinas que constituíam a sua essência sólidas e justas. É inegável que o credo democrático, em que os adversários se estribavam, tem desde essa época adquirido numerosos sectários. O velho liberalismo passa de moda. O dogma da soberania popular, proclamado como supremo direito, substitui o único direito absoluto que ele reconhecia, a liberdade e os foros individuais. Isso passou: agora a igualdade civil, que era um consectário do dogma liberal, transfere-se para o mundo político, e um nível imaginário passa teoricamente por cima de todas as desigualdades humanas, perpétuas, indestrutíveis. A paixão da liberdade esmorece, porque a absorve e transforma a da igualdade, a mais forte, a quase única paixão da democracia. E a igualdade democrática, onde chega a predominar, caminha mais ou menos rápida, mas sem desvio, para a sua derradeira consequência, a anulação do indivíduo diante do estado, manifestada por uma das duas fórmulas, o despotismo das multidões, ou o despotismo dos céares do plebiscito .

O partido cartista tinha por si as grandes e recentes recordações, a consistência política, os bons princípios que representava, e sobretudo, o sensato e prático das teorias que predominavam entre os seus membros. Mas a eiva moral quase que lhes começou no berço. O seu primeiro erro foi adoptar por chefes os homens eminentes que, pela gerência dos negócios em situações difficilimas, tinham concitado contra si, como sucede quase sempre e a quase todos, a animadversão pública, talvez a da maioria daqueles mesmos que aceitavam agora a sua direcção política. Deviam honrar-se tais homens, embora muitos dos actos da sua administração não pudessem defender-se, porque esses actos eram bem pequeno desconto aos imensos serviços que a liberdade lhes devia. Tomá-los, porém, por guias era aceitar uma parte da sua responsabilidade; era poluir a pureza das doutrinas com as manchas da fraqueza humana; era, sobretudo, arriscar que a irritação das paixões e os intuitos de desagravo dirigissem o procedimento de um partido novo e cheio de vida, que só deveriam inspirar a razão tranquila e a aplicação lógica das próprias doutrinas. Deste primeiro erro nasceram as tentativas infelizes de contra-revolução. Essas tentativas não podiam reputar-se crime, porque o elemento revolucionário tinha entrado como fórmula política no direito público do país, mas eram altamente ilógicas em relação á índole e ao símbolo do cartismo. Por outro lado, o governo da revolução mostrava-se, ao mesmo tempo, tolerante para com as opiniões e enérgico em coibir excessos. Por isso o partido cartista podia contar com a vitória incruenta que na urna lhe havia de dar o país; vitória para os princípios, e não desagravo para as paixões irritadas. Que este resultado era seguro, provaram-no os factos. Vencido na guerra civil, desautorizado e moralmente enfraquecido, o cartismo viu triunfar em grande parte as suas ideias na contextura da constituição de 1838, votada por umas constituintes onde os vencidos estavam representados por insignificante minoria. Era a condenação solene da revolução, lavrada por parlamento eleito debaixo da influência dela. O que no novo código político parecia mais oposto á índole da Carta era a organização da segunda câmara, e todavia o cartismo adquiria por aquele meio uma arma poderosa para de futuro reformar constitucionalmente o que havia mau na recente organização de um dos corpos co-legislativos, de modo que nem se restaurasse

o absurdo patrio hereditário e ilimitado nem a assembleia conservadora significasse apenas a interpretação de uma parede entre duas porções de parlamento único. Uma vez que o senado procedia simplesmente da eleição, logo que o cartismo obtivesse a preponderância eleitoral, dominaria completamente em ambas as câmaras. Dentro em dois anos, de feito, o predomínio do cartismo era indubitável.

O ulterior procedimento deste partido estava estritamente determinado pela sua origem e pelo seu passado. Como vimos, não era tanto a sua índole menos democrática, o seu apego à liberdade e aos direitos individuais com preferência a tudo, que o caracterizavam. São opiniões, erradas opiniões, havia-as tanto num como noutro campo. O que constituía a essência do cartismo era a lealdade ao juramento; a lealdade viril no cumprimento da palavra dada pelo homem honrado quando a dá no pleno uso do seu alvedrio. Os cartistas tinham feito tudo quanto materialmente podiam, mais do que moralmente deviam, para suprimir a revolução. Não o tinham conseguido, e ela fechara o período da sua duração protestando na lei política decretada pelas constituintes contra a própria origem, contra a sua razão de ser. A constituição de 1838 era um campo neutro onde todos se podiam encontrar pacificamente e procurar, sem sair da legalidade, o predomínio das respectivas opiniões.

E o cartismo entrou naquele campo. Quando o país viu os homens que tão tenazmente haviam mantido a fé que deviam ao seu juramento, jurarem solenemente o novo pacto, acreditou que falavam verdade, que o ciclo das revoluções terminara. Passados tempos, a urna provava aos cartistas, de modo indubitável, que nas classes influentes, nas forças vivas da sociedade, a preponderância era sua. No fim de três anos podia-se dizer que o triunfo moral do cartismo estava consumado. O poder e o futuro pertenciam-lhe.

Um facto inopinado veio então desbaratar todos os cálculos, desmentir todas as previsões. Uma grande parte, ou antes a maioria desse partido, cuja essência era a lealdade a solenes promessas, e a execração das revoluções no seio de um país livre, hasteou subitamente a bandeira revolucionária, substituindo ao motim da plebe o único motim pior do que ele, o da soldadesca. Quebrando inutilmente o seu último juramento, derribava a constituição do estado e proclamava o restabelecimento da Carta pura, que, sem os acontecimentos de 1836, os mesmos homens que a achavam agora um código perfeito teriam constitucionalmente modificado. É que a vitória dos princípios faltava um laurel, o desagravo do amor próprio ofendido. O partido cartista suicidava-se junto ao altar da vaidade, e amortalhava-se a si próprio, morrendo, no estandarte da revolução.

Depois houve muitos que continuaram a chamar-se cartistas, porque os vocabulários são propriedade dos homens, e a propriedade, conforme o velho direito consiste na faculdade de usar e abusar. Era como os graus e veneras das ordens de cavalaria extinta. Enfeitam, mas correspondem ao nada. Símbolos vãos sobre um sepulcro. Para a história, como a história há-de ser quando de todo houverem calado as paixões dos que intervieram nessas tristes lutas, o cartismo tinha expirado com a restauração da Carta.

A VOZ DO PROFETA

Primeira Série

*Et irruet populus, vir ad virum, et unusquisque ad
proximum suum: tumultuabitur puer contra senem et
ignobilis contra nobilem.*
Isaías, III-5 .

I

O Espírito de Deus passou pelo meu espírito, e disse-me: vai, e faz ressoar nos ouvidos das turbas palavras de terror e de verdade.

E eu obedecerei ao meu Deus no meio dos punhais de assassinos.

Povo!... breve soará a tua hora extrema: tu mesmo a assinalaste no decorrer dos tempos.

O anjo exterminador vibra sobre ti a espada da assolação, e tu danças e folgas ébrio das tuas esperanças.

Essa terra que pisas crês que é um solo remido por tuas mãos: repara porém; olha que é um sepulcro.

Amplio é o sepulcro de um povo: dentro em breve tu aí calarás para sempre.

Creste-te forte, porque sabes rugir como a pantera: mas somente Deus é grande.

Encheste o vaso das tuas iniquidades; ele transbordou, e a terra ficou poluída.

Malditos os nomes dos que acenderam o vulcão popular; nomes abomináveis perante o céu e a terra.

Portugal foi pesado na balança da eterna justiça, e a Providência retirou a mão de cima dele.

Derribem-se os altares, cerrem-se as portas dos templos: Deus já não aceita os sacrifícios, nem ouve as preces deste povo, senão como uma expressão de escárnio.

II

O que tem ouvidos para ouvir ouça: o que tem olhos para ver veja: o que tem coração para se contristar, contriste-se.

O povo tinha a liberdade e quis a licença; tinha a justiça e quis a iniquidade: o povo perecerá.

Desgraçado daquele que anda fora dos caminhos da Senhor: correndo despeitado por despenhadeiros, sentir-se-á por fim baquear no fundo de um precipício.

Porque a lei e a virtude foram postas no mundo para proveito do homem, não para proveito de Deus.

Quando uma nação quebra todos os laços sociais, dela será todo o dano.

Para as turbas o cheiro do sangue é perfume suave; o roubo gloriosa conquista.

E elas se fartarão de sangue e de rapinas com a voluptuosidade atroz do antropófago que se banqueteia com os membros semivivos do seu semelhante.

Porque a plebe desenfreada é como o fantasma do crime, como o espectro da morte, como o grito do extermínio.

Horrível é o aspecto do empestado, que, entreabrindo o lençol que lhe servirá de mortalha, descobre as pústulas, donde mana a podridão e o cheiro da sânie, e que por entre os lábios amarelos e os dentes cerrados deixa fugir o som rouco do estertor.

Mas para o homem honesto, que contemplar uma cena das raivas da plebe e ouvir as suas blasfêmias e vir as faces hediondas dos homens dissolutos, será como alívio a asquerosidade das chagas, o hálito podre e o rouco estertor do empestado.

III

E o povo continua a dançar em roda do seu mesmo sepulcro .

E as outras nações meneiam a cabeça em sinal de compaixão.

Os tiranos sorriem e dizem por escárnio aos homens virtuosos: ide, e daí a liberdade às turbas: erguei à dignidade de homens livres servos devassos e educados no lodo: eles vos pagarão com a única moeda que guardam em seus tesouros.

A relé popular é chamada as fezes da sociedade, não porque é humilde, não porque é pobre, mas porque é vil e malvada.

O sábio e o virtuoso indigentes são mais nobres do que os grandes da república, do que os dominadores da terra.

O ferrete da abjecção e da infâmia estampa-se em qualquer fronte sem excepção de berço, e aos que trazem este sinal de reprovação é que a filosofia chama escória da sociedade.

A medida por que Deus conta os degraus dos méritos da vida é a da pureza de coração; é a do aperfeiçoamento da inteligência.

Os tipos das diversas alturas a que sobe o espírito humano na carreira indefinita da perfeição formam como uma pirâmide, cuja base assenta no fundo de um tremedal, cujo ápice se esconde no interior dos céus.

Muitos nasceram no ínfimo da pirâmide e subiram a grande altura: outros de grande altura desceram a mergulhar-se no lodo.

E tanto a uns como a outros julgará a imutável justiça de Deus.

IV

Os soldados da liberdade morreram nos combates da pátria e misturaram o seu sangue com o sangue dos satélites da tirania: os seus ossos alvejam nas serras e nos vales, como alvejam as ossadas dos servos com quem combateram.

Foi sação essa de abundante messe de almas puras para o céu. Consolem as lágrimas dos justos as cinzas desses valentes.

Eram apenas um punhado; a morte ceifou os mais deles; o resto já não tem força senão para prantear sobre as ruínas da pátria.

E o vidente pranteará com eles, porque o Senhor lhe amostrou o futuro.

Se os homens do desterro e das tempestades pudessem levantar-se da sua jazida, a terra de antigas glórias ainda seria salva: mas eles dormem o perpétuo sono do repouso.

E foi o último leito honrado em que portugueses se reclinaram no seu dia extremo.

Felizes os que então se despediram do sol e misturaram com a terra o pó que lhes emprestara a terra.

Os dias dos que restamos não eram ainda contados; porque nossos erros pediam a punição do opróbrio.

O Senhor nosso Deus é justo; curvemos a cabeça diante da sua Providência.

V

Formosos eram os tempos em que pelejávamos pela liberdade do povo; tão formosos, quão negros estes em que a plebe peleja pela licença.

As nossas armas vomitavam a morte: semeava-a também o inimigo pelas nossas fileiras: e nós estávamos firmes nos píncaros das montanhas, ou, descendo, fazíamos-las ressoar debaixo de nossos pés.

E arrojando-nos aos contrários, as baionetas reluziam à luz do sol; e o tinido dos ferros encontrados, e o clamor dos feridos, e o estampido dos tiros reboavam pelas quebradas dos vales.

Quando a vitória, embora sanguinolenta, nos coroava a frente, o triunfo era para nós um delírio; porque o combate fora de homens valentes.

Na história do sofrimento humano a mais bela página é a história do nosso sofrimento. Nem a peste, nem a fome, nem a desesperação de todo o humano socorro dobraram a robustez de corações ousados.

Porque pelejávamos por uma causa justa, e Deus estava connosco.

Por serranias agrestes e áridas combatemos debaixo de sóis ardentes, e as entranhas mirravam-se-nos de sede: tínhamos os lábios ressequidos como a urze já morta, e humedecíamos-los com as lágrimas da dor, e suportávamos a sede.

Encostados a mal construídos valos e cercados por quarenta mil soldados, vigiávamos pelas noites longas e tenebrosas do inverno. A chuva caía-nos em torrentes da atmosfera densa sobre os membros mal-vestidos, e o oeste sibilava em nossas armas.

Ou se as cataratas do céu se vedavam, o frio leste trazia-nos o seu sopro envolvido nas geadas dos montes penhascosos.

Cruelíssimas eram estas entre as noites cruéis desse tempo; porque ao redor de nós tudo estava devastado, e não havia um único tronco para alimentar a fogueira do arraial.

E o frio recalrava a vida toda no coração do soldado; e ele sem um lamento sofria o rigor de noite dilatadíssima.

A fome apresentou-se diante de nós: medonho era o seu aspecto: os membros desfaleciam-nos e as armas por vezes nos caíam das mãos.

Mas o amor da pátria estava vivo em todos os corações. A Providência infundia-nos valor, e sofrimento sem murmurar a fome.

Glória a Deus! – Os últimos portugueses saíram ilesos da prova. Os antigos cavaleiros os receberam como irmãos lá onde são com o Senhor.

Bem-aventurados os que deixaram esta terra de lágrimas, porque não viram que o seu sangue fora derramado em vão.

VI

E depois dos combates íamos sepultar os mortos.

No campo da batalha abria-se uma grande cova, e simultaneamente se lançavam nela os cadáveres de amigos e de inimigos.

Porque além do limiar do outro mundo calam todos os humanos ódios.

E o tecto de terra estendia-se sobre os muitos que aí dormiam no mesmo jazigo.

E algum pranto derramado sobre o pó revolto, e as preces da igreja proferidas pelo sacerdote consolavam os extintos.

Plantava-se a cruz sobre a gleba para consagrar a memória dos mortos; para pedir a esmola da oração ao que passasse, e para lhe anunciar que todos os que ali repousavam eram irmãos por Jesus Cristo; eram irmãos pelo sepulcro.

Perdoávamos para sermos perdoados: perdoávamos porque éramos fortes.

VII

Alevantou-se a plebe, e logo cometeu um crime.

Agitava-se e ondeava pelas ruas com clamor ininteligível; arrastava-a o espírito das turbulências civis.

Um homem inerte passou por entre os amotinados: era um dos votados ao extermínio: muitos tiros e golpes partiram do meio da turba, e o homem caiu exangue e sem vida.

E arrastaram até o cemitério público, ao som de injúrias e risadas, esses restos que a morte santificara. As maldições do ódio mais profundo param a beira do túmulo. A maldição popular, essa é que não parou aí.

Soterraram por meio corpo o cadáver e cuspiram naquelas faces lívidas aonde já não podia subir do coração o rubor, e que os olhos cerrados não podiam já mundificar com lágrimas.

E esse homem assassinado e arrastado e coberto da espuma fétida da gentalha, fora um dos que salvaram o povo do cutelo dos tiranos.

Plebe: cometeste um assassínio, e serás julgada. A ferro morrerá o que ferir com ferro: disse-o o Profeta do Gólgota.

Deixaste acaso a face da sua [sic] vítima descoberta para monumento do crime?

Quiseste porventura desafiar a eterna justiça, e convocar a combate o Regedor dos mundos?

Se na tua maldade e soberba assim o pensaste, sabe que baldada foi a profanação da sepultura.

Se nos confins da terra sumisses o morto; se o escondesses nos abismos do oceano; se o arrojasses na cratera de um vulcão encendido, lá Deus o havia de divisar.

Porque todo o gemido do moribundo ressoa até o trono do Eterno.

Preparai-vos, vermes, se tanto ousais: porque o Senhor se erguerá sobre os orbes, e o estridor da seta exterminadora sibilará através do Universo: ela se cravará na terra que pisais e passareis como fumo.

Ai daquele que, impenitente, acordar ao som da última trombeta tinto no sangue injustamente derramado de algum de seus irmãos!

Em verdade vos digo que para esse já não há perdão, mas só o ranger de dentes e o bramir sempiterno.

VIII

Povo! Onde estão os teus sábios, os teus generais, os teus nobres, os teus abastados, os teus homens virtuosos!

Os tímidos escondem-se diante da tua sanha: os valentes, não podendo combater com as turbas, erram no oceano à mercê das tempestades.

E é a segunda vez que se afrontam com elas por amor da liberdade e da lei.

Deus proverá os foragidos, como provê de sustento os animais que vagueiam na terra e as aves que cruzam os ares.

E os tímidos que, ouvindo o rugido da plebe, se embrenham por antros de serranias, por profundezas de bosques, confiem também no Senhor.

Porque dele vem a salvação para os bons no dia da cólera e do castigo.

Que os perseguidos se consolem lembrando-se dos próprios erros, porque ninguém se isenta da culpa, e antes remi-la neste vale do desterro, do que além da sepultura.

O que padece não deve queixar-se, nem rebelar-se contra a Providência: porque essa queixa inspira-a a soberba.

Que é um homem em comparação de uma cidade; uma cidade em comparação de um povo; um povo em comparação do género humano; o género humano em comparação do Universo?

E que inteligência é capaz de medir a distância que vai do primeiro ao último?

Milhões de milhões de vezes menos importa a existência de um indivíduo na soma das existências, do que na pirâmide de Quéopos o mais miúdo grão de argamassa importa à solidez do monumento.

Enquanto vive na terra, o homem é um átomo na imensidade: grande será depois da morte no reino do céu; grande ainda entre os bramidos do inferno.

Porque para ele existe a eternidade só então : só então compreende a onnipotência de Deus.

IX

Cinco anos em nome do evangelho uma parte do povo perseguiu seus irmãos, e cobriu-os de opróbrio.

Em nome do Evangelho pregou-se o ódio, a vingança, e o perjúrio: em nome do Crucificado pregou-se o incêndio, o roubo, o sangue e o extermínio.

Mas o dia da punição chegou, porque as lágrimas da inocência orvalharam o seio de Deus.

Ele estendeu o seu braço, suscitou os ousados, e conduziu-os de milagre em milagre. Então os ímpios dobraram a cerviz altiva.

As nossas vitórias foram de homens fortes; mas a robustez de ânimo vinha-nos daquele que é fonte e origem de toda a humana virtude.

Vestia-se então a maldade dos trajos puros da religião para perpetrar impunemente crimes: hoje abriga-se à sombra da árvore santa da liberdade para assolar a terra da nossa infância.

Ai dos maus, porque os olhos do Todo-Poderoso lhes vêem nus os corações em toda a hediondez da sua perversidade!

A justiça celeste nunca dorme, como na alma do criminoso nunca se cala o remorso.

E a hora da tributação [sic] e das angústias chegará para os malvados; e eles amaldiçoarão o ventre materno e os peitos que os amamentaram.

X

Povo! Os que hoje saúdas como numes, amanhã fá-los-ás em pedaços, e arrastarás pelas ruas os seus cadáveres cobertos de feridas e pisaduras.

Porque, bem que tarde, conhecerás que eles te hão enganado.

Prometeram-te abundância, e achar-te-ás faminto; prometeram-te liberdade, e achar-te-ás servo.

A licença mata a liberdade; porque se livremente oprimes, livremente podes ser oprimido; se o assassinio é teu direito, direito será para os outros assassinar-te.

Se a força, e não a moral, é a lei popular, quando os tiranos tiverem mais força, legitimamente podem pôr no colo do povo um jugo de ferro.

Ministros da tirania são os que suscitaram a luta das facções, os que deram o primeiro grito da revolta, os que acenderam a guerra civil;

Porque a nação se dilacerará, e enfraquecida passará das mãos da plebe para as mãos dalgum déspota que a devore.

Lembrai-vos da Serpente, que enganou nossos primeiros pais: foi com palavras sonoras, com promessas de glória e de ventura que ela perdeu a ambos.

Dado que para vós não houvesse liberdade e eles vo-la oferecessem à custa de perpétuo dano, devíeis tê-los por vossos destruidores.

Porque a liberdade não é tanto um fim como um meio: quer-se a liberdade não tanto para as nações serem livres, como para serem felizes.

Que importa o respeito de propriedade ao que nada possui? que vale a liberdade da palavra para o que só tem de proferir maldições e queixumes? Que monta que os vossos pares vos julguem, se o ódio das facções nos fez inimigos uns dos outros?

Sem concórdia, inevitável é que o edifício social desabe; e porventura nascerá a concórdia do meio das sedições?

XI

Se no coração de algum dos concitadores da anarquia existe vislumbre de virtude, ai dele! Ai dele, se a sua alma é inteiramente negra!

Porque de qualquer dos modos um abismo está cavado debaixo de seus pés: na estrada do arrependimento o da vingança popular, no seguimento do crime o da justiça de Deus.

Eles revelaram à multidão o segredo da sua força, e as turbas os levarão diante de si.

O leão ruga livre na arena, e o condutor que o desatrelou cumpre que mais ligeiro lhe preceda na carreira, aliás será o primeiro que ele desfaça entre as garras.

Aqueles que hoje são o amor das turbas serão chamados por elas para presidirem a conselhos de sangue, a longos dramas de destruição e de angústia.

E se a consciência lhes clamar com a voz do remorso, e se trémulos quiserem retroceder, a plebe lhes dirá – avante!

E se ousarem implorar piedade para com as vítimas do desenfreamento e da barbaridade, rir-se-á a plebe, e gritar-lhe-á – avante!

E se, aterrados da altura do precipício, voltarem atrás um passo, este passo será o extremo: a plebe os aniquilará.

Eles encheram o cálice das amarguras públicas: os justos o beberão aos tragos; mas as fezes serão para os escanções do banquete popular.

A salvação única do instigador de revoltas e uniões está em admitir todas as consciências delas.

E então forçoso lhe é tornar-se conspícuo no crime e revolver-se no sangue.

Mas qual será a eternidade de tal homem?

Deus não deu palavras às línguas da terra para o dizerem. É esse um dos mistérios do inferno.

XII

Temo as horas caladas da noite, e o coração aperta-se quando o sono me pesa sobre as pálpebras amortecidas:

Porque para mim o sono não é repouso, e os fantasmas das sombras são mais cruéis do que as cruéis realidades do dia.

Deus converteu a sua voz no meu pensamento e colocou nos meus lábios o grito da sua cólera.

O seu verbo desfará a minha alma, como o ar aquecido dilatando-se dentro do vaso o desfaz em fragmentos.

O espanto cerca-me no meio das trevas, e o futuro está parado diante de mim como um pesadelo eterno.

Em um momento reúne o Senhor na minha alma as dores com que por largos dias gemerá esta desventurada pátria.

E, em sonhos, oro ao Deus de nossos pais; mas na sua ira o Altíssimo repele as minhas preces; e acordo debilhado em lágrimas.

Este acordar arremessa-me à vida actual, a esta atmosfera de depravação, ao meio do desonesto tumultuar de um povo corrompido.

E a oração, que em sonhos ousara levantar a Deus, cai gelada na terra ao som das pragas e blasfémias da turba desenfreada.

XIII

Eu vi uma visão do futuro, e o Senhor me disse: Vai e revela-a na terra.

Como em panorama imenso, um reino inteiro estava diante dos meus olhos.

E nas duas cidades mais populosas dele homens de má catadura começavam de aglomerar-se nas praças e a transbordar pelas ruas.

E nos campos e nas aldeias outros homens com aspecto de réprobos começavam também a apinhar-se nos passos das serras, nas assomadas das montanhas e nas clareiras das florestas.

E tanto nas faces dos filhos dos campos, como nas dos habitantes das cidades adivinhava-se o grito de extermínio que bramava no fundo dos corações.

Os magotes de serranos fundiram-se numa só turma; e o mesmo sucedeu aos das cidades.

E cada uma das turmas se converteu em uma besta-fera, que se assemelhava ao tigre.

Agigantada era a sua estatura, e na frente de uma lia-se – Fanatismo – e na da outra – Desenfreamento.

Com os olhos tintos em fel e sangue, correram então os dois monstros um para o outro, ergueram-se em pé e estenderam as garras.

No mesmo instante abriram-se os céus: dois grandes cutelos afiados e dois fachos encendidos caíram junto das alimárias ferozes.

E nas lâminas dos cutelos estavam escritas com letras de fogo as palavras seguintes – Maldição de Deus.

E cada uma das alimárias segurou com a esquerda um dos fachos, e com a direita um dos cutelos.

A das cidades arrojou o seu facho sobre os campos, e os campos ficaram em um momento áridos e ermos.

E a outra sacudiu o seu sobre as duas cidades, e súbito no lugar onde elas foram estavam dois montões de ruínas.

Depois, combatendo por largo tempo e atassalhadas de golpes, caíram e renderam os espíritos.

Então as lágrimas me ofuscaram os olhos; porque bem entendia o que significava a visão.

Mas enxugando-os, tornei a lança-los para o lugar da peleja.

E vi uma solidão sáfara e negra, sobre a qual a perder de vista para todos os lados alvejavam milhares de ossadas.

Em cima delas estavam assentados dois espectros gigantes. Chamavam-se Assolação e Silêncio.

XIV

Era uma noite serena, e, ao clarão da lua, a sombra de templo antigo estirava-se no terreiro contíguo.

Os sinos dormiam nos campanários das torres erguidas, e tudo estava calado no âmbito do monumento religioso, herdado aos homens ímpios deste século pelos homens crentes dos tempos que foram.

Através das esguias e pontiagudas janelas da igreja transverberava na praça a luz amortecida das lâmpadas penduradas ante as capelas desertas.

Era a hora em que se passam coisas misteriosas por adros e cemitérios, e em que vagueiam pela terra os mortos condenados a assim cumprirem com sua justiça.

Num ângulo do terreiro estava eu. Não sabia que mão me tinha para ali arrastado; mas era a mão de Deus.

Ao longo de uma rua que naquele lugar desembocava vinha ondeando um turbilhão negro, cujo rugido era semelhante ao rugido do pinhal da montanha em noite tempestuosa.

E parecia aquele grande vulto um fragmento do caos, a quem, de todos os elementos de harmonia e de ordem, só o Criador concedera o movimento.

E chegou o tumulto diante da igreja e espraiou-se por toda a praça, e houve profundo silêncio.

E um homem alevantou a voz no meio do tropel, que pendia de seus lábios, e disse:

"Vós sacudistes o jugo dos poderosos, e o nome de rei e o título de nobre são palavras sem significação na linguagem de nação regenerada".

O povo que jazia no lodaçal alevantou-se como gigante de prodigiosa altura, e estendendo os braços, estreitou os palácios dos abastados e dos potentados: os panos dos muros vacilaram nos seus fundamentos de mármore e de granito, e começaram de desmoronar-se e banquearam por terra.

E o gigante popular riu-se e assentou-se em cima de montões de ruínas. Foi este dia dia de sempiterna glória.

Mas os monumentos da credulidade e do fanatismo de nossos pais ainda assoberbam a cidade dos homens livres. A hipocrisia abriga-se à sombra dos altares e invoca, talvez contra nós, um Deus que não existe.

O único Deus de corações generosos é a liberdade. Quando cumpre, o altar dela é o cadafalso: o seu sacerdote o algoz: o seu culto verter o sangue dos tiranos.

A religião que tem por fundamento a humildade e a abnegação de si é a religião dos servos.

É por isso que nossos pais foram servos.

Amaldiçoemos, pois, o nome dos que nos geraram e derribemos a obra da superstição.

E cada um daqueles precitos amaldiçoou seu pai. Os cabelos eriçaram-se-me de horror.

Então a turba arrojou-se ao portal da templo, e os largos ferros dos machados cintilavam erguidos e faziam estourar as portas. Pelas naves da igreja retumbava um gemido longo e sonoro.

E o terreiro ficou esgotado dessas ondas de povo, vertidas pelo ádito da velha catedral dentro de seu amplo recinto.

Como os vermes se arrastam vagueando pelos membros do cadáver, assim os homens do sacrilégio se espalharam, arremessando-se aos altares e a todos os lugares onde reluzia a prata ou o ouro.

E cuspindo sobre a hóstia do Cordeiro, pisavam-na aos pés e motejavam do Crucificado.

E despido o templo das riquezas ali depositadas em testemunho da piedade de séculos, os ímpios saíram dele carregados de despojos.

Depois, acendendo fochos, lançaram-lhe fogo por todos os ângulos, e breve as chamas se ergueram ao céu com espantoso ruído.

O estalido das pedras que se desconjuntavam, e o fragor das abóbadas desabando, e o estridor do incêndio, que trepava em espirais pelas colunas e se estendia em lençóis vermelhos, lambendo a face dos muros, e o último gemido dos órgãos era a orquestra deste sarau popular.

E a plebe folgava de roda, e embriagava-se, passando de mão em mão as taças do vinho espumoso, e tecendo danças com as mais vis prostitutas.

Tal foi o sonho do futuro que o Senhor me enviou numa noite de agonia.

XV

O anjo das predições mudou então na minha alma a cena do porvir.

À mesma hora, à mesma luz da lua, estava eu no lugar onde vira o povo quebrar as portas do santuário; onde vira os homens dissolutos transpor a última barreira que os separava dos tigres, e lançar de si o último sinal que os distinguia dos espíritos das trevas.

Dos fustes truncados das colunas do templo pendiam ervas bravias, e nos muros semi-rotos enlaçava-se a hera.

Nos campanários afumados pelo incêndio haviam as aves nocturnas construído os seus ninhos: ao cair das trevas, em vez dos sons religiosos dos sinos, despenhavam-se lá dos cimos das torres os pios melancólicos da poupa solitária.

E no meio do terreiro surgia o que quer que era negro e que não se assemelhava a nenhuma obra da natureza, a nenhuma obra das mãos do homem feita para o uso da vida.

Aproximei-me. Era o patíbulo.

Um vulto humano pendia do alto dele e volteava para um e outro lado à mercê da brisa da noite.

E tinha as faces disformes e os olhos espantados, e da boca meia aberta gotejava-lhe a espaços o sangue.

Eu estava com os olhos cravados nele, e não os podia despregar do homem do patíbulo.

E involuntariamente caí de joelhos: as preces pelo morto iam-me a romper dos lábios. Sentia ardente a fronte e batia-me o pulso rápido e com força.

À primeira palavra de oração que proferi, um estremeção agitou o cadáver do justificado.

E sem mexer os beiços murmurou sons inarticulados: depois proferiu algumas palavras: a sua voz era a de um ventríloquo.

Cala-te! – disse o cadáver. – A eternidade é já minha. Deus riscou-me do livro da vida: maldito seja o seu nome!

Fartei-me de crimes na terra: por isso fui condenado.

A minha existência foi como um hálito de pulmões ralados: a minha voz nunca ensinou senão a destruição.

Hipócrita da liberdade, pregoei a anarquia e a licença, como os hipócritas da religião pregoam a intolerância e o extermínio.

Fui eu que nas trevas preparei a discórdia dos homens livres; que suscitei o primeiro dia de furor popular.

Coloquei em frente dos amotinados alguns mancebos, em cujo seio havia fragmentos de virtude, mas cuja ambição era cega.

Porque bem sabia eu que a plebe imoral aniquilaria todos os que não fossem tão dissolutos como ela.

Deixei na arena dos bandos civis todos os meus émulos, e abandonei o país que de futuro devia ser minha preia.

Quando voltei, o povo tinha feito pedaços os seus ídolos de um dia, e havia-os sumido debaixo dos pés das turbas.

Era então que começava o meu império. Ai dos que eu tinha arrolado no livro da morte! Nenhum ficou sobre a terra.

Milhares deixaram a cabeça debaixo do cutelo do algoz: milhares voltaram no cadafalso por noites de luar, como agora eu volteio.

E este barço que ora me sobreleva do chão ainda o achei aquecido do colo da minha última vítima.

Fartei a sede de vingança e de sangue que mirrava o meu coração, e morri seguro de que deixava atrás de mim a campa cerrada em cima de todos os virtuosos.

O tirano do céu folgue embora em me ver no inferno: ao menos pude apagar o seu nome na terra que me deu o berço.

Um brado meu desmoronou os templos: o sacerdócio desapareceu; a oração calou para todo o sempre.

Agora também eu passei; porque na senda do crime o povo com uma passada vence o caminho de um século, e eu era apenas um homem.

Os que empolgaram o poder, que me foi arrancado, não os tinha ainda conhecido, porque se arrastavam ontem em regiões obscuras; aliás ter-me-iam precedido em descer aos abismos.

Aqui, dando um longo gemido, o supliciado calou; os olhos fecharam-se-lhes, e a cabeça pendeu-lhe para o peito.

Enquanto falara, bem conheci quem era; mas o Senhor me ordenou não revelasse o seu nome.

XVI

O anjo das predições mudou o espírito dos meus sonhos.

Era por noite fria, de inverno: numa quadra desadornada de palácio meio arruinado jazia um homem em pobríssima enxerga.

No seu rosto estava pintada a doença e a fome, as bagas do suor da morte transudavam-lhe da fronte, e dos olhos fugia-lhe a lágrima extrema do moribundo.

Os farrapos que vestia não o resguardavam do frio; e o homem tremia, e os dentes batiam-lhe uns contra os outros.

E no seu delírio o mísero soltava palavras cortadas. – Água! Água! – dizia; porque a sede lhe roía as entranhas. E não havia quem lhe desse um púcaro de água.

Tribunos da plebe, dai-me um pouco de pão. Ah! Bem negro que seja! que também eu sou do povo. – E lançava os olhos para os seus farrapos.

Fui nobre e rico; mas esquecei-vos disso! Perdoai-me, porque nada me resta: tão pobre sou como o mais humilde mendigo, que dantes estendia a mão para o último dos meus servos.

E o homem sorria, e o seu riso significava a desesperação da sua alma.

Depois olhou para um crucifixo que estava encostado à parede, e estendeu para lá os braços.

Mas não havia quem lhe unisse ao peito a imagem do Salvador: não havia um sacerdote que lhe desse o extremo vale.

Então deixou descair os braços, fechou os olhos, e morreu. Sobre o cadáver ir-lhe-á amontoado o tempo as ruínas dos paços que lhe herdaram seus pais.

E será esta a campa republicana do homem que foi nobre e abastado .

XVII

O anjo das predicações mudou o espírito dos meus sonhos.

Era o dia da luta das facções: era um dia de ampla carnificina.

E o demónio do meio-dia pairava sobre a cidade do sangue, e blasfemava do Senhor.

O povo corria furioso e tumultuava; e os tiros e golpes soavam pelas praças, pelas ruas e pelas encruzilhadas.

O gemer dos feridos, as pragas dos vencidos, e as ameaças dos vencedores conglobavam-se em rumor semelhante ao arquejar de vulcão.

As portas dos edificios estouravam pelos gonzos e fechaduras, e a plebe clamorosa entrava de tropel até o mais recôndito das habitações.

E o ulular das mulheres, e o vagido dos infantes e choro dos velhos rompiam por entre o clamor da matança.

Mas a lascívia e o punhal breve punham o selo do silêncio nas frentes de inteiras famílias.

No recontro das diversas parcialidades os irmãos assassinavam os irmãos, os filhos assassinavam os pais.

Porque à voz das sedições, o povo tinha quebrado, depois dos laços sociais, os vínculos da natureza.

E o roubo, a dissolução, a morte e o incêndio estavam assentados nos quatro ângulos de uma cidade outrora populosa e rica.

Estas eram as divindades que adorava a plebe nos dias da licença e do furor.

XVIII

O anjo das predições mudou o espírito dos meus sonhos.

Nas abas de uma serra das províncias do norte ainda as casinhas de pequena aldeia alvejavam certa manhã ao despontar do sol.

E nas assomadas dos montes, e nos cómodos dos outeiros ondeavam os cimos dos pinhais agitados pela viração matutina.

A aldeia e os campos que a rodeavam eram, no meio deste país assolado, como o vulto da esperança erguido sobre a lousa do sepulcro.

E os habitantes pacíficos do vale sabiam que as tempestades políticas tropejavam além das suas montanhas.

Mas nesse dia souberam-no para morrerem. O raio da fúria popular fulminou-lhes a destruição.

Bandos de soldados negrejavam em ondas descendo para a planície; e os primeiros raios do sol espalhavam-se nas suas armas.

E seguiu-se mais uma cena de carnificina, como tantas que eu tinha visto em meus sonhos do futuro. O último abrigo da felicidade neste mal-aventurado país foi reduzido a cinzas.

Os velhos morriam abraçados aos troncos dos carvalhos e castanheiros, seus veneráveis amigos da infância, que tinham testemunhado a ventura de seis gerações inteiras.

Os moços caíam combatendo pela salvação dos pais, das esposas e dos filhos; mas, inexperos nas armas, levemente eram vencidos da soldadesca feroz.

Na ermida do presbitério buscaram as mulheres indefesas guarida contra os assassinos; porque as desgraçadas não sabiam que a religião tinha fugido desta terra dos crimes.

Ali, ante o altar do Senhor, foram vilipendiadas e saciaram a bruteza dos filhos da dissolução.

E no dia seguinte, nos soutos e nos pinhais da encosta ouvia-se tão somente o murmúrio das ramas; e no meio do vale fumegava um monte de cinzas.

XIX

O anjo das predições mudou o espírito dos meus sonhos.

Numa vasta sala estavam congregados muitos homens de aspecto feroz e em cujos olhos faiscavam as cóleras imensas dos bandos civis.

Chamavam-se estes homens os legisladores, os eleitos do povo.

Vãs denominações eram essas: a lei residia na vontade mudável da plebe; e eles eram em grande parte mandados para aquele recinto pela parcialidade que então triunfava.

De roda, em balcões erguidos, agitava-se a plebe tumultuosa.

Ali se lavravam os decretos de extermínio: e era, ouvindo-os, que as turbas vitoriavam os homens do sangue.

Mas, se aos lábios de algum assomava uma palavra de humanidade, e se ousava proferi-la inteira, os gritos de traição e de morte recalçavam-lhe das faces para o coração esse impensado ímpeto de piedade.

Neste dia pelejavam as parcialidades nas ruas para decidir quem tinha direito de cometer mais crimes: era dia de abundante colheita para o sepulcro e para o inferno.

Mas ao recinto, outrora chamado o santuário das leis, não chegava o clamor do combate: porque aí a discórdia excitava alaridos e, sacudindo o seu facho, encendia os ânimos de uns contra os outros. Lutavam também as parcialidades lá dentro.

Na praça pública a vitória convertia afinal o que naquela assembleia se chamava minoria facciosa em irresistível maioria. A plebe soberana anunciou-o aos legisladores, fazendo estourar a golpes de machado as portas de imensa quadra, onde o vozear não era de ardentes debates, mas sim de pugilato infrene. A turba-rei precipitou-se como torrente: o tumulto ondeou pela sala espaçosa, e houve um momento de ânsia e de silêncio.

Então os punhais reluziram erguidos e desceram com força; e os gritos e as pragas e as blasfêmias misturaram-se com o estertor dos moribundos.

E a plebe nos balcões batia as palmas, e dizia entre risadas: – *Viva!*

Tal foi a última cena de maus sonhos; e nada mais me revelou o Senhor.

XX

O Filho do Homem comprazia-se em ensinar a sabedoria por meio de parábolas: na parábola está a filosofia do povo.

Um agricultor possuía certo campo que não produzia senão frutos enfezados; porque o solo se havia tornado sáfaro por falta de cultura durante largos anos.

Porém ainda, aqui e acolá, pela extensão da veiga, vicejavam algumas árvores e cepas de boas castas, e que só de maltratadas pareciam bravias.

E este agricultor morreu, deixando o campo de seus pais a três filhos que tinha; e estes trataram entre si acerca do que deviam fazer da herança paterna.

E o mais velho disse: – Respeitemos a memória de nossos antepassados, e deixemos aos que de nós vierem o campo que herdámos do mesmo modo que o recebemos:

Porque se não diga que menoscabámos a prudência dos velhos e que pretendemos ser mais avisados do que foi nosso pai.

Ele viveu, posto que pobre, tranquilo: vivamos como ele viveu.

E disse o segundo génito: – Veneranda é a memória dos que nos geraram: contudo também se deve acatar a razão, que nos foi dada por Deus.

Conservemos todas as obras do tempo passado; mas melhoremos tudo o que nelas houver ruim.

Aí estão árvores úteis no meio das nossa herdade: não as derribemos, porque o fazê-lo, além de impiedade, fora rematada loucura.

Porém roteemos os brejos e sarças, adubemos a terra, e procuremos fazer novos plantios adequados à qualidade do solo.

E disse o irmão mais novo: – Que nos importa os que passaram, ou que temos nós com o que eles fizeram?

Nossos pais viveram nas trevas da ignorância; e por isso todas as suas obras são loucura e vaidade.

A luz e a ciência só veio ao mundo em nossos dias, e só a própria sabedoria pode fazer-nos felizes.

Comecemos pois por arrancar deste agro todos os vestígios de antiga cultura: não verdeça nele nem uma única planta.

E depois buscaremos árvores estranhas de frutos saborosos e sementes úteis, e a nossa herdade causará inveja a todos os vizinhos.

Cada um dos irmãos estava em seu propósito, e os servos e os familiares bandearam-se em três partidos.

E lutaram uns com os outros, e triunfou a opinião do mais velho.

E o campo mal cultivado, cada vez produzia menos, e a fome veio assentar-se no limiar da porta dos três irmãos.

O que vendo o segundo génito disse aos do seu bando:

Força é que tiremos o poder das mãos dos que nos governaram, aliás morreremos todos à pura míngua.

E assim o fizeram; e, posto que a luta fosse longa e encarniçada, venceram; porque a razão estava da sua parte, e Deus os abençoava.

Então começaram a trabalhar: limparam as árvores dos ramos secos e exuberantes; adubaram os campos e prados, e arrancaram as moitas e as plantas nocivas.

E lançaram boas sementes à terra, e quando a seara foi crescendo, começaram de mondar-lhe o joio e as outras ervas daninhas.

Prometia naquele ano ser excelente a colheita, e no coração dos familiares renascia já a esperança.

Mas o irmão mais novo, possuído do espírito de destruição, coligou-se com os criados devassos e que aborreciam o trabalho contínuo a que eram forçados.

E fizeram a união contra o segundo génito e tiraram-lhe o mando, valendo-se de muitos clientes do primogénito, os quais, por via da dissensão entre os dois mais novos, esperavam triunfasse o mais velho.

Lançaram-lhe então ao campo, destruíram a sementeira, cortaram árvores e passaram a charrua por cima dos campos relvados.

E buscaram sementes esquisitas e árvores exóticas, e atiraram à terra desalinhadamente com tudo isso, e depois adormeceram.

As árvores, porém, secaram logo, e as sementes, apenas rebentaram, morreram; porque os imprudentes não haviam estudado nem a natureza do clima, nem as propriedades do solo, nem as regras de agricultar.

E a família inteira no fim do ano tinha perecido de fome.

XXI

Na terra de Cethim houve um rei que era bom e cheio de liberalidade e valor.

E cansado de reinar, disse em certo dia a seu filho, que ainda era muito moço:

Pesam-me já demais a coroa e o ceptro, e os esplendores do trono não me deslumbram. Vem, e senta-te nele.

E o filho obedeceu, e começou de reger os povos por certas leis estabelecidas por seu pai, o qual foi viver em regiões longínquas.

Mas um tirano alevantou-se com o reino, e o moço príncipe errou largo tempo por estranhos países com os poucos seguidores de sua má ventura.

E o bom rei que descera do trono correu a restituir ao filho a herança que lhe legara.

E a sua espada foi como a de Gedeão; o seu braço como o dos Macabeus.

Então o príncipe desterrado voltou à pátria, reassumiu o ceptro que lhe fora roubado, e a lei e a justiça recobriram o antigo vigor.

Depois o rei virtuoso morreu de puras fadigas, e foi dormir com seus pais: sobre a sua memória desceram não só as bênçãos dos seus soldados, mas também as de todos os amigos da justiça e da paz.

Nas trevas, porém, homens corrompidos começavam a tramar dissensões civis; porque pretendiam que os bons sofressem, depois da tirania de um único mau, a tirania de muitos homens ruins.

E estes mistérios da corrupção vieram a lume, e a plebe disse um dia ao príncipe e aos cidadãos pacífico: – A força está em nós, e a força é o direito: obedecemos pois, aliás um descerá do trono, outros serão reduzidos a pó.

E tudo calou diante da plebe; porque era verdade que ela tinha a força.

Os nobres, os prudentes, e os homens bons cobriram-se de dó, e no gesto lia-se-lhes a amargura do coração.

Mas o moço rei a quem os turbulentos fingiam acatar, porque descera até eles, mostrou-se contente do seu dano, e engolfou-se nas delícias de que o rodearam os algozes da pátria.

Foi então que se apagou em todos os ânimos honestos o último raio de esperança.

XXII

Havia naquele tempo em Cethim um profeta, em cuja boca pusera Deus o verbo da eterna verdade.

E este profeta entrou um dia nos paços do príncipe e disse-lhe:

Mancebo inconsiderado, enquanto folgas a ris, vai desconjuntar-se debaixo de teus pés o trono que te herdaram teus pais.

Lembra-te de que subiste a ele por cima das ossadas de vinte mil dos teus amigos, regadas pelas lágrimas de cem mil famílias.

E não te esqueças de que entre esses ossos jaziam os de teu pai: não maldigas com tuas obras a sua memória; porque ele foi justificado diante do Senhor.

Crês tu que os homens do nada te perdoarão o teres nascido do sangue dos reis? Enganas-te! Crime para eles é este que nunca te será relevado.

O sorriso que na tua presença lhes aclara o torvo das faces, não o creias de amor: repara, e verás que é o riso infernal do desprezo.

Os filhos da abjecção queriam igualar-se contigo; não, sendo eles quem subisse, mas sendo tu quem descesse.

As tábuas da lei foram feitas pedaços; se o vê-las partidas te apraz ou disso não curas, antes de o patentear cumpria-te restituir-nos as vidas e o sangue de nossos irmãos.

Este país sofreu tudo por guardar o pacto que jurou, e que também tu juraste: que direito é o teu para aprovares que esse pacto seja rasgado? Por que não padecerias alguma coisa a bem dos que tanto padeceram por ti?

Crês, porventura, que é belo e generoso assentares-te em um trono que a relé do povo conspurcou de lodo e de infâmia?

A plebe era forte: embora. Mais forte era o tirano de outrora, e baqueou por terra.

Devias deixar aos maus a consumação do seu crime e não o santificares tu.

Devias confiar na Providência, e arrojardes de ti o manto de ignomínia que sobre os ombros te lançavam.

Devias conservar sem mancha o teu nome, porque está ligado ao do que te deu o ser, e este será glorioso até o termo dos séculos.

Nós iremos ajoelhar junto ao sepulcro de teu pai, e às cinzas do rei virtuoso pediremos a justiça que não encontramos na face da terra.

Oh, que se fosse possível aleventar-se ele em pé sobre a campa, um seu olhar te encheria de remorsos; um brado seu fulminaria os perversos!

Tais foram as palavras que o profeta de Cethim disse ao príncipe mancebo: o que depois aconteceu não sei eu narrar.

É este é um fragmento da história de eras que passaram há muito.

XXIII

A justiça de Deus é grande: maior a sua misericórdia.

Para o que se arrepende mana do seio do Senhor fonte perene de perdão, e as preces do contrito sobem ligeiras até os degraus de seu trono. Depois dos dias de aflição, ele envia o consolo e quebra em pedaços o vaso da sua cólera.

Povo, que vagueias desenfreado pelas sendas da morte, converte-te à vida, converte-te ao Deus de teus pais.

Ele não se esquecerá dos netos desses fortes que espalharam a luz do seu verbo entre os mais remotos bárbaros, e os teus erros serão esquecidos.

Nossos avós souberam ser livres sem ser licenciosos; souberam ser grandes sem crimes: eterna é a sua glória.

Ousaríamos nós irmos ajuntar-nos com eles no repouso do túmulo carregados das maldições do Altíssimo, e sepultando connosco a herança do nome português coberta de execração do Universo?

Lembrai-vos de que as cinzas dos cavaleiros de João primeiro, dos valentes de Ceuta, de Tânger e de Arzila, dos conquistadores do Oriente, estão envoltas na terra que pisas.

E onde quer que ponhais os pés levantará o passado um grito de repreensão contra a depravação do século actual.

Formosa e pura é a luz do sol neste amoroso clima do ocidente: não queirais convertê-la no facho avermelhado e sinistro que fulgura por cavernas de salteadores e de assassinos.

Unamo-nos, pois, como irmãos, e abraçando-nos uns com outros, caíam algumas lágrimas de reconciliação sobre esta terra tão regada de lágrimas de amargura; tão ensopada no sangue do fratricídio.

Refloresçamos entre nós a paz e a amizade: tenhamos um nome só, o de portugueses, um só bando, o da pátria.

Ainda algum dia estes rogos do profeta serão ouvidos: mas quando, é um segredo de Deus.

A VOZ DO PROFETA

Segunda Série

*Iniquitas surrexit in virga impietatis;
non ex eis, et ex populo, neque ex sonitu
eorum, et non erit requies in eis.*
Ezechiél, VII-11.

I

Lisboa, cidade de mármore, rainha do oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.

A brisa que varre os teus outeiros é pura como o céu azul, que se espelha no teu amplo porto, semelhante a grande mar.

Trinta séculos têm surgidos depois que tu surgiste, e sorvendo milhares de existências caíram todos no abismo do passado.

E tu os hás visto nascer e morrer, e sorrístes-te porque julgavas que a vida te estava travada com a vida do universo.

Escondendo nas trevas dos tempos remotíssimo a tua origem, dizias às demais cidades da Europa: – Sou vossa irmã mais velha.

Nobre e rica outrora, quando o Oriente e a África te mandavam o ouro das suas veias, os estranhos vinham assentar-se-te ao pé dos muros e abastecer-se com as migalhas caídas das mesas dos teus banquetes.

Cada um dos teus velhos palácios abrigou já os últimos dias de um grande capitão; em cada pedra dos teus templos há uma recordação das virtudes passadas; em muitas lousas de sepulturas nomes que não morrerão.

Nas eras de tua glória, os monarcas dos últimos confins da terra se haviam por honrados com chamar irmãos a teus filhos; e filhos teus davam e tiravam coroas.

As tuas armadas aravam as campinas do oceano, e neste nem uma vaga deixou de gemer debaixo das naus do Tejo.

Para as frotas da nova Tiro, os golpes de machado ressoavam ao mesmo tempo nos bosques da Europa e da África, do Oriente e do Novo Mundo: os lenhos do Indostão cosidos com os da Nigricia flutuavam por mares distantes, e sobre eles se hasteava um sinal de terror para o orbe: era o pendão das Quinas.

Então, oh cidade do Tejo, reinavas tu e eras forte, mais do que Roma ou Cartago; mas o império e a força vinham-te das virtudes de teus filhos, dos homens a quem sem pudor chamamos nossos avós.

Vivificavam-te o seio um sem número de bem-nascidos espíritos, e eras seminário feracíssimo de corações generosos.

Porém, que te resta hoje do antigo esplendor, da glória de tantos séculos? Um eco do passado nas páginas da história, o sol puro da tua primavera, os restos dos paços e

templos que os terramotos te não consumiram, e o grande vulto das águas do amplo ádito do Tejo.

II

Mas este eco da história, que devia ser para ti como um grito de remorso, não há ouvidos que o escutem, e soa em vão e morre no meio do vozear descomposto da plebe:

Mas este céu puro que te cobre, e que testemunhará no grande dia as virtudes de nossos maiores, testificará também perante o Senhor a tua corrupção actual:

Mas este porto, que a liberdade regrada de três anos começava a povoar de antenas torná-lo-á o reinado da licença tão ermo como os extremos dos mares gelados:

Mas pelos palácios de mármore já não retumba a voz dos heróis, e os templos estão desertos: só por lupanares e praças sussurra o clamor dos populares, ou entoando os cânticos das orgias, ou tumultuando em assuadas e preparando o dia em que satisfaçam a sede do roubo e do assassinio.

Viúva prostituída, os vícios corromperam-te a seiva da vida, e a gangrena e os herpes corroem-te os membros, que ainda vestes de trajos louçãos, mas onde a morte se encarnou há muito.

Formosa ainda no aspecto, assemelhas-te ao sepulcro do evangelho, alvo e polido no exterior, mas cheio de podridão e negrura.

Nova Jerusalém, a dextra do Senhor vergou pesando-te os crimes e, como a antiga, saberás se por ventura são ásperas as angústias que o Omnipotente manda aos povos no dia da sua justiça.

Rápida é a carreira do malvado pelos atalhos do crime: porque esses atalhos levam, de despenhadeiro em despenhadeiro, ao abismo da perdição.

Breve empalidece o outono as folhas das árvores; breve as desprende dos troncos; breve as espalha e some, arrebatando-as sobre as asas dos ventos.

Esse curto prazo bastou ao povo para esgotar os tesouros da misericórdia divina, que os erros e culpas de séculos não haviam podido empobrecer.

Os feitos portentosos de dois anos de combates civis foram amaldiçoados pelo povo em uma noite de sedição, e a árvore da liberdade cerceada junto da terra.

E as esperanças de salvação e de felicidade passaram como o sonho matutino que se desvanece ao altear do sol.

III

Como a antiga Jerusalém se afundou em mar de crimes, assim a moderna Sião, a grande cidade do ocidente, se mergulhou em torrente de perversidades.

E a maldição celeste que sumiu aquela dentre as nações pesará ainda mais rijamente sobre a desgraçada Lisboa, sobre esta caverna de vícios e de desenfreamento.

À roda dos muros de Solima apinhavam-se os cavaleiros de Babilónia, e as tendas de Nabucodonosor estavam assentadas ao pé da torrente de Cedron.

E as catapultas arrojavam pedras sobre os eirados do templo, no cimo do Mória: os arietes batiam os baluartes, que vacilavam até os fundamentos, e o granizo das setas sibilava, passando por entre as mal defendidas ameias.

E ao longe cintilavam os ferros das lanças e o bronze dos elmos e dos cossóletes, e ouvia-se o nitrir dos cavalos.

Surgira o dia extremo para a cidade das maravilhas, para a réproba Solima. E dali a um ano, sobre as ruínas dela estava assentado um velho.

Era o profeta de Anathot, que, em cima da ossada dos palácios e do templo, entoava uma elegia tremenda, a elegia da sua nação.

IV

Também o dia em que, entre os vestígios da cidade maldita, algum vate levante um grito de agonia, um grito de desesperança, não tardará a chegar.

Porque Deus ergueu-se no seu furor, e mandou descer sobre este país o anjo do extermínio.

Mais cruel será o teu castigo, oh terra do meu berço, do que o de Jerusalém: porque ela pereceu a mãos de estranhos, e seus filhos morreram defendendo os lares paternos.

Mas a ti é um matricídio popular, é a febre ardente das sedições que te vai arremessar ao sepulcro.

Os teus muros converter-se-ão em circo: pelas praças e ruas pelejar-se-ão pelepas como de gladiadores, combates como de mastins e feras.

Porque o temor de Deus saiu do coração do povo, e entraram nele todas as raivas do inferno.

Áspero é para o que morre assassinado não poder clamar ao céu justiça contra o seu matador.

E neste mau caso cairá o povo; porque serão as suas próprias mãos que lhe rasgarão as entranhas: será ele quem lavre a sua sentença de morte.

Ele se amaldiçoará a si, e o remorso e a desesperação de toda a humana piedade lhe dobrarão as agonias do passamento.

V

Os que pelejaram contra os tiranos purpurados mal sabiam que lhes quebravam o ceptro de ferro, para meter a espada da assolação na dextra de tiranos cobertos de vermes e farrapos.

Mal pensavam que uma raça corrupta não conhece outra estrada senão a da servidão ou a da licenciosidade.

A nação, esmagada pelos reis, tinha muito tempo gemido debaixo da própria miséria.

Mas surgiu um príncipe que deu a liberdade ao povo e que veio morrer para lha restituir, quando ele vilmente a deixou baquear por terra.

E estes homens, que pouco antes haviam dobrado o joelho perante o despotismo, mostraram-se tão orgulhosos e insolentes, quanto, até então, haviam sido abjectos e tímidos.

E numa orgia popular fizeram ressoar gritos insultuosos nos ouvidos daquele que duas vezes os libertara, e invocaram-lhe a morte. Nesse momento longe estavam os seus soldados, e muitos deles arquejavam moribundos no campo onde se pelejou a última batalha da pátria.

Em verdade vos digo que tal crime é dos que Deus não perdoa; porque a ingratidão é a mais horrenda de todas as perversões humanas.

Eles apressaram o repouso do túmulo para o salvador de república: mas o nome de parricidas será o que sobre a jazida lhes escreverá a história.

VI

O sonho da liberdade, o sonho da minha juventude, esta fonte da poesia e de acções generosas, converteu-se para mim num pesadelo cansado.

Digno era o povo de compaixão quando estava em ferros, e por bom feito se tinha entre as almas puras o afrontar-se o homem com a morte pela salvação dos seus semelhantes:

Porque, subindo ao patíbulo ou expirando entre o estrondo das armas, a voz da consciência assegurava ao que fenecia as lágrimas e as bênçãos dos vindouros, e que algum dia ciprestes se plantariam na terra que lhe bebesse o sangue.

Mas isto era crer na virtude popular: era apenas um sonho, e a consciência mentia.

A corrupção estava no âmago das existências. A árvore da vida social carcomeu-a a servidão. Cumpria que as tempestades políticas a derribassem; que os vermes da sociedade lhe roessem e desfizessem os troncos.

E estes vermes são as turmas de uma plebe invejosa, que incessantemente trabalham na grande obra da pública destruição.

Almas virtuosas, que nos países ainda escravos preparais no silêncio a queda dos tiranos, não apresseis o grande dia da emancipação popular.

Porque nesse mesmo momento sereis amaldiçoados pelos que salvastes, e cobertos de escárnios e de injúrias, sabereis que a plebe lança em poucos meses mais crimes na balança da eterna justiça do que os tiranos aí hão lançado por séculos.

VII

Certo dia, o conde de Avranches entrava nos paços de Afonso quinto, e os cortesãos caluniavam sem pudor o bom duque de Coimbra, o salvador da república.

E o conde disse-lhes: – Mentis, como desleais; e aos melhores três de vós prová-lo-ei à lança e à espada: inocente e justo é o mui nobre filho de meu senhor e rei, Dom João de excelente memória.

E ninguém ousou responder ao velho cavaleiro da Garrotea; porque bem sabiam que a sua consciência era pura e o seu montante pesado.

Daí a alguns dias ele provou o dito. Na batalha de Alfarrobeira, sobre um montão de cadáveres, caiu defendendo a inocência e bom nome do seu desventurado amigo.

Onde estavam os do valente capitão da nova Diu, do rei soldado da pátria, quando o vulgacho no meio da praça pública, assentado no seu lodaçal mandava derrocar as leis, as recordações e a glória duma nação inteira?

Onde estavam os amigos de D. Pedro, quando a memória do grande homem era amaldiçoada na condenação da sua obra; quando sobre as suas cinzas a dissolução cuspiam escárnios; quando a liberdade morria às mãos da licença popular?

Quem se ergueu, seguro em boa consciência, para lançar a luva em defesa da justiça, e dizer às tubas:– sois desleais e mentis?

Ninguém! Todas as espadas ficaram embainhadas. Em Portugal já não há um cavaleiro. Na batalha de Alfarrobeira morreu o conde de Avranches, e a sua espada foi sepultada com ele.

VIII

Quando os reis se assentavam em tronos de ferro; quando a lisonja os rodeava de prestígios, e o terror estava assentado às portas dos seus palácios, era belo e generoso afrontar-se o homem com a tirania e menoscar as dores dos suplícios.

Então era ousado o profeta, quando, nos paços de Baltasar, lia nos muros, escritas pela mão de Deus, palavras de condenação.

Eram sublimes os mártires, quando perante os césaes davam testemunho do evangelho, e escarnecendo dos aparelhos de morte, se deitavam tranquilamente sobre a cruz da agonia.

Era belo ouvir o poeta de Florença tropejar contra a prostituta Roma, denunciar ao mundo a corrupção e os crimes dos pontífices do Tibre, e comer no desterro um pão eivado de lágrimas e esmolado por estranhos.

Era belo, quando nós, assentados sobre os gelos do Norte, saudávamos do desterro a terra que nos deu o berço, e vínhamos, fracos pelo número, mas fortes de coração, lançar as nossas baionetas na balança da Providência, onde a tirania também lançado as suas.

Tudo isto era belo e generoso; porque então os pequenos gemiam oprimidos debaixo dos pés dos grandes, e ao homem justo incumbia fazer ressoar na terra a voz da eterna justiça, o grito da liberdade.

Mas hoje que a plebe reina e, como ampla voragem, ameaça tragar a virtude, a liberdade, a justiça e todas as recordações santas do passado, para o homem de boa consciência sê-lo-á, também, o morrer.

Sê-lo-á o bradar no meio das turbas, e derramar sobre elas a condenação, que Deus confiou em todos os séculos aos lábios do inocente e virtuoso.

Sê-lo-á chegar aos tribunos populares, apontar-lhes para o céu, e apresentar a cabeça ao cutelo dos lictores.

IX

Povo, hoje és tu quem impera, e absoluto é o teu poder; porque te dizes única fonte dele.

Toma, pois, em tuas mãos a vara do magistrado, e assenta-te uma vez mais no teu trono, amassado com sangue e pó.

Vem assentar-te, e julga-nos, a nós, que tu maldizes, e aos tribunos, aos instigadores de tumultos, que cobres de amor e de bênçãos.

Porque isto diz o Senhor Deus: se a plebe julgar com justiça, a plebe ainda será salva.

Desça o terror da tua vingança sobre o coração do que te houver ofendido; volvam-se no pó as fronteiras onde tu achares estampado o ferrete do crime.

Recorre as acções da nossa vida, recorre as obras passadas das vidas dos teus tribunos, e por preço do perdão de Deus, julga-nos com justiça.

Quando tu jazias na servidão, e os grilhões, encarnando-se-te nos pés e nos pulsos, te roçavam pelos ossos, pelejávamos nós por te salvar; derramávamos o nosso sangue por ti.

Por ti víamos o irmão e o amigo morder o pó dos campos de batalha, e calávamos; sentíamos-nos descair de fome, e não soltávamos um queixume.

Porque guardávamos os ais para o silêncio das trevas. Soldados da pátria, ousaríamos acaso queixar-nos diante da luz do sol?

E eles, que faziam, enquanto as nossas noites eram veladas debaixo de um céu de ferro e de fogo, enquanto os nossos dias se consumiam entre o sibilar dos pelouros?

Eles? Nos lupanares e tabernas de países estranhos, folgavam nos banquetes da embriaguez; reclinavam-se no leito da prostituição.

Eles? Cubriam-nos de insultos, chamavam loucura e vaidade à nossa nobre ousadia, e riam-se do juramento que fazíamos de morrer ou dar a liberdade a nossos irmãos.

Eles? Buscavam por todas as vias semear a zizânia e os ódios, danar a nossa causa santa, e fazer-nos perecer debaixo das ruínas de uma cidade ilustre.

Eis o que eles fizeram em proveito da pátria. No meio do foro, diante de teu tribunal terrível, descubra quem o ousar o peito, e mostre e conte as cicatrizes das feridas que recebeu pela salvação da república.

Um só deles as mostrará; porque esse foi valente e amigo da virtude. Anjo de luz, por que te despenhaste no abismo?

A história escrevia o teu nome na página das bênçãos: tu mesmo o riscaste e o foste escrever na página das maldições

.....
.....

X

Porém, debalde invocariamos justiça perante o tribunal popular; porque o povo é abastado de injustiça e ingratidão.

Os que estão cobertos de cicatrizes, os que foram longamente saciados de angústias por salvá-lo seriam condenados, e os tribunos, os concitadores da anarquia, cujas obras únicas tem sido conduzir a pátria ao abismo da perdição, seriam absolvidos, seriam abençoados.

Embora: a nossa consciência está tranquila, e no grande dia é Deus quem a todos nos julgará.

Houve um profeta outrora em Israel, e chamava-se o Filho do Homem.

E este profeta amava os humildes e os pobres, e repreendia os poderosos.

E condenava os hipócritas da religião, e por isso era abominado pelos grandes e pelos sacerdotes.

Mas respeitava as leis, e ensinava a obediência: mandava que se pagasse o tributo das duas dracmas do templo, e o tributo de César.

E afeiava aos populares os seus vícios e abominações; e por isso era também malquisto da gentilha.

E condenado à morte pelos poderosos, o povo, a quem tinha trazido a luz e a vida eterna, o povo, que ele tanto amava, cobria-o de opróbrios.

E podendo salvá-lo do suplício, antepunha-lhe um grande criminoso, e clamava aos algozes: – Pregai-o na cruz, e caia o seu sangue sobre a nossa cabeça e sobre a cabeça de nossos filhos.

E este profeta era o Messias, era o redentor do género humano, era o filho de Deus.

Consolem-se, pois, aqueles que sobre os ombros tomaram o ódio dos tiranos por amor do povo, e a quem o povo paga com injúrias e pragas.

Como Jesus Cristo, os hipócritas e os opressores das nações abominam-no: como a Jesus Cristo, o vulgacho cobre-nos de afrontas, e pede para nós aos seus tribunos a condenação e o suplício.

E que nos cumpre fazer para seguirmos em tudo o exemplo do Justo assassinado, do Deus que nos deixou na terra o consolo e a esperança?

Pedir morrendo ao Eterno Pai o perdão de nossos perseguidores e, como o divino Mestre, lançar à conta da ignorância as culpas de corações corruptos.

Imitando o Salvador na cruz, seja pensamento de bênção o nosso pensamento extremo; porque o derradeiro suspiro do cristão deve ser um murmúrio de afecto grande para os que o amaram, mas ainda maior para os que o odiaram e perseguiram.

XI

E ainda uma vez, filhos da perdição, ainda uma vez vos falarei em nome do Senhor nosso Deus.

Que foi o que fizestes assassinando as esperanças da salvação pública, derribando a santa tradição da pátria?

Até no crime fostes apoucados. Porque não se ergue um de vós, perverso mas sublime, como o Arcanjo das Trevas, e diz: – Fui eu o concitador do motim popular, fui eu o primeiro que clamei "quebrem-se as tábuas da lei"?

Louvais a sedição, chamais-lhe obra ilustre, e nenhum de vós aceita a glória de ser o benfeitor do seu país?

Quando combatíamos pela liberdade gravávamos os próprios nomes em nossas armas, e o inimigo que ousasse vê-las de perto, ali os leria inteiros.

Não combatíamos nas trevas; e os nossos capitães diziam ao mundo: – Vede: – e mostravam a face diante da luz do sol.

Hipócritas, que enganais o povo, credes por ventura que também enganareis o Senhor e que, semelhantes à prostituta que enjeita o fruto de seu crime, enjeitareis diante dele a obra da vossa iniquidade?

Não! Lá se levantarão os nossos e os vossos filhos, para quem preparais berço de miséria, vida de amargura e morte de desesperação.

E eles testemunharão contra vós na presença do Altíssimo: e haverá aí choro e ranger de dentes.

XII

Ambiciosos, que desvairais o povo, o Senhor leu no fundo dos vossos corações e revelou-me o que aí esta escrito!

A cobiça do mando e do ouro é o vosso amor de pátria; a vossa ânsia de liberdade a sede de tirania.

Merecedores de jazer perpetuamente na escuridade, e ermos de virtude e de sabedoria, não podendo fulgir com luz celestial, tentastes romper as trevas de vossos caminhos com clarão torvo do inferno.

E a serpente vos emprestou a sua vã ciência, as suas corruptoras palavras, e alumiados por fulgor de morte, alguns vos creram ilustrados pela luz que mana do trono de Deus.

Mas o que foram enganados vos amaldiçoarão no dia em que patenteardes a hediondez das vossas intenções, e o Pai de misericórdia lhes perdoará um erro de inteligência.

Eis o que diz o Senhor: – Vós sois os assassinos de república, mas debaixo das suas ruínas ficarão também esmagadas as vossas fronteiras, e os vossos membros quebrantados e sumidos.

Também vós tereis quem maldizer na hora do passamento: os dias futuros justificarão o Verbo de Deus.

XIII

Os soldados que arrastavam o Justo ao Gólgota, quando o povo de Jerusalém pedia o sangue inocente, puseram sobre a cabeça do Filho do Homem a inscrição – Este é Jesus rei dos Judeus.

Porque o povo não sabe cometer um crime, sem, afora o crime, blasfemar e escarnecer da virtude.

Assim os tribunos da plebe, depois de rasgarem o pacto social, disseram por irrisão: – Reúna-se o conselho dos anciãos, dos sábios e dos prudentes, e façam-se leis para o regimento da república.

Como se não houvesse aí lei; como se os eleitos do povo não tivessem sido expulsos pela relé e separados uns dos outros.

Então os malfeitores rodearam a urna onde dantes os cidadãos podiam livres lançar o voto da sua consciência.

E todos os bons se afastaram dessa urna; porque a mão do crime a tinha colocado no templo, e à roda dela somente sussurravam ameaças de morte.

E por isso os nomes que dali saíram foram nomes oprobriosos ou desconhecidos, e como estranhos no meio de nós.

Um erro trouxe outro erro, e o punhal passou da praça para o templo, e houve aí mistérios das trevas, mistérios da perversidade.

E homens imberbes, ignorantes e ignóbeis ir-se-ão assentar no conselho dos legisladores, no lugar destinado para os velhos, para os sábios e para os homens virtuosos.

Mas a plebe aí estará também, com seu gesto hediondo, como um espectro de terror, como a imagem do suplício nos últimos dias de um criminoso depois da sua condenação.

Ela aí estará; e o seu grito será mais alto que o das consciências, se é que podem consciências falar no conselho de homens corruptos.

Ela aí estará; e as leis serão feitas por ela; porque errados vão os que pensam que o povo larga jamais o poder que a imprudência ou a maldade lhe depositaram nas mãos.

Homens a quem a dissolução social vestiu a toga de senadores, para debaixo da campala levareis nas fronteiras duplicado o ferrete da infâmia e do aviltamento.

Nelas vo-lo escreveu uma eleição fraudulenta, em que votou o punhal do assassinio e o óbolo da embriaguez, preço porque a plebe vendeu aos tribunos o exercício de um direito que não era seu e que ela tinha roubado por noites de sedição.

E nelas vo-lo estampará também o grito insultuoso do vulgacho que vos ergueu do pó para santificardes a sua rebelião, para serdes cúmplices nos seus decretos de morte, e para depois vos quebrar em pedaços, como um vaso frágil quando se torna inútil.

XIV

De fel e de trabalho me cercou o Senhor. Esta é uma das suas visões, que ele me enviou em espírito.

Num campo extensíssimo estava eu, e cerrava-se-me o coração como traspassado do frio do terror. Era ao cair das trevas.

Havia por aí sepulcros, mas sepulcros semelhantes a dorsos de montanhas: havia por aí ciprestes, mas ciprestes seculares como o universo, e cujos cimos avultavam como a espessura de um bosque primitivo.

O sítio em que eu estava era o cemitério das nações e dos séculos.

Sobre muitos desses túmulos espantosos já tinha caído a campa; já o musgo e as sarças lhes dissimulavam as juntas, e o estélio e o áspide passavam por cima, rangendo como as folhas secas.

Outros havia lá que ainda estavam abertos, e tinham as lousas erguidas sobre uma das bordas, junto da qual um anjo derramava lágrimas. Jaziam nestes muitos séculos de nações modernas.

Algumas sepulturas aí estavam inteiramente descobertas e ainda, alvejantes, como colocadas de pouco em meio do campo santo: nem lousas estavam ao pé delas.

Mas ao longe ouvia-se como gemido de eixos que vergavam e de homens que altercavam e que pareciam trabalhar em uma obra de Deus.

E este gemido era semelhante ao do oceano revolto, e o burburinho soava como o clamor de milhões de vozes.

Na frente de cada um dos jazigos estava escrita a história do povo ou do século que lá repousava ou que lá devia cair.

E Algumas destas inscrições eram antigas e meio gastadas, e de roda tinham esculpido símbolos de gentildade.

Apenas sobre uma delas estava gravado o nome de Jeová; mas fechavam a campa sete selos, cuja lenda era: – Até à consumação dos séculos.

E mais alguns monumentos aí se erguiam, já cobertos com lousa final: e em cima deles estava plantada a cruz, e a inscrição acabada.

Junto destes ajoelhei e derramei lágrimas: eram sepulcros das raças que educara o evangelho: dormiam lá irmãos meus.

E os reinos e as repúblicas da Idade Média eram os que nesse lugar estavam sepultados: àqueles tinham-nos aniquilado loucuras e tiranias de reis; a estas a licença e a corrupção popular.

XV

Lá estava também o monumento da nossa pátria.

E nele repousavam os cadáveres de muitos séculos.

E a história de cada um destes lia-se na face de pedra, escrita pela mão do arcanjo que velava o sepulcro e que forcejava por sustentar a campa, que já pendia, como para os encobrir à luz.

E esta era a lenda sepulcral:

Deus escolheu para si a nação do extremo ocidente, e a benção do Altíssimo desceu sobre o berço dela.

E passou glorioso o primeiro século da sua existência, rico de combates e vitórias: ele herdou ao seguinte a cruz plantada nos coruchéus dos alcorões, e uma raça valente e virtuosa, que defendesse a terra conquistada.

De incremento e prosperidade foi o segundo século; e posto que aí houvesse dias de turbacão, o povo cresceu; porque o Senhor o abençoava.

E na terceira era soou em país estranho uma voz que falava de servidão. O povo português lançou mão da espada e da lança, e em vinte combates provou a sua independência, e que o Deus dos exércitos fora o Deus de seus pais.

E na quarta era chegou a idade viril da república: a sua estatura assemelhava-se à de um gigante, os seus braços aos de um atleta.

E na quinta ela estendeu a mão para o oriente, e aferrando centenaes de povos, meteu-os debaixo dos pés.

Então cometeram-se crimes, a corrupção estendeu-se, e a face do Senhor turbou-se.

Aqui na inscrição seguida apenas um nome de poeta, e depois uma longa beta negra. Esta significava que de infâmia e servidão fora a sexta idade da república.

E a lenda tumular prosseguia:

Surgiu um dia o povo, e quebrando os grilhões que tiramos estranhos lhe haviam lançado, açacalou de novo a sua espada esquecida, e combateu quase um século.

E recobrou a independência, senão a liberdade.

Daqui avante, falava o letreiro de existências e de largos anos; mas de existências sem glória, e de anos semelhantes apenas à decrepitude de homem que foi robusto.

E havia aí guerras e vitórias e leis: as vitórias coroavam o general e não o soldado, porque o soldado era servo: as leis eram talvez justas, mas desciam do trono dos reis sem a sanção popular, e o povo dobrava o joelho.

E isto era ímpio. O servo que aceita sê-lo é só meio-cristão. Do evangelho deriva a liberdade, como condição impreterível do homem, responsável por seus actos perante Deus. A liberdade pode rasgar-se do evangelho; não separar-se dele.

Depois lia-se o nome de um rei; e este nome era grande e honrado, como os dos antigos reis portugueses, e a sua história estava escrita no monumento da eternidade. Após esta, seguiam-se algumas palavras de esperança.

E dali por diante a pedra estava em branco; porque a oitava era a da república ainda não tinha adormecido junto do umbral do passado.

XVI

E eu meditava em silêncio, e o meditar era amargo para ao meu coração.

Súbito senti um ruído remoto, semelhante ao ruído de bosque sacudido pelo vento e granizo.

E divisei por entre os ciprestes um vulto, que se aproximava da clareira onde estava a sepultura, e as suas passadas, posto que apressadas, soavam como se fossem de pés de bronze.

E chegou. Fitando os olhos no vulto, descortinei uma figura humana de desmesurada altura.

A sua cabeça tinha muitas faces e muitos olhos: do tronco saía-lhe uma grande multidão de braços.

E com todas as suas línguas proferia palavras imundas e blasfemas, e maldizia a religião e a justiça.

E vinha salpicado de sangue.

E parou diante do monumento.

Ficou imóvel por algum tempo; depois, como excitado por um acesso de raiva infernal, procurava aluir o sepulcro.

Mas a imutabilidade do passado era a imutabilidade dele. Tinha-o posto ali a mão de Deus.

Então o vulto começou a raspar a inscrição, mas as letras cada vez mais se avivavam. Lá do íntimo soou um longo gemido.

E o vulto soou uma praga tremenda, e transpôs a borda do sepulcro; e estava em pé dentro dele.

E começou a afundar-se nas trevas; e estendendo os braço, os braços lhe ficavam hirtos.

E nos olhos, que até ali chamejavam furor, já flutuavam lágrimas de homem que morre.

E descia, e descia!

E quando a fronte lhe topetava com a borda, a campa escapou das mãos do anjo, que trabalhava por sustê-la, e caiu dando um som profundo.

E a face do sepulcro, abaixo da inscrição, tingiu-se de negro até o rés da terra.

E as últimas palavras, palavras de esperança, converteram-se em outras tão horríveis, que a minha língua não ousa proferi-las.

E a visão desapareceu.

XVII

Réprobo seria aquele que, vendendo seu pai por preço de opróbrio, o entregasse à servidão de estranhos.

Réprobo, mil vezes réprobo, seria tal homem; porque este crime fora mil vezes mais negro do que o parricídio.

Quem, por noite tempestuosa, o acolheria debaixo de tecto hospitaleiro? Quem, vendo-o mirrado de sede, lhe oferecia um púcaro de água?

Ninguém: porque o seu hálito inficionaria o ar que respirasse: os seus lábios empestariam o vaso por onde bebesse.

No seu leito de morte, que sacerdote ousaria dizer-lhe: – Eu te absolvo em nome do Deus que perdoo? Nenhum: e o que dissesse mentir-lhe-ia; porque nos tesouros da piedade divina não há resgate para semelhante dívida.

Mas que é este crime, comparado ao daquele que vende a pátria? Esse, não vende o progenitor somente: vende a família, os ossos de avós, a fonte do baptismo, a cruz do cemitério; vende as saudades, os afectos e as esperanças de todos os seus irmãos.

E todavia, nos conciliábulos dos tribunos proclama-se que no aniquilamento está o segredo da nossa futura grandeza. Rebelde de sete séculos, seremos aplaudidos e respeitados no mundo, quando, de joelhos perante os nossos orgulhosos senhores, fizermos penitência do glorioso delito de mais de vinte gerações de antepassados!

São homens destes que as turbas insensatas vitoriam!

Cegou Deus a inteligência do povo, porque o quer perder; porque o afastou de sob as asas da sua Providência amorosa.

E por isso a visão do sepulcro me foi mandada, e vi cerrar-se a campa da eternidade em cima da derradeira época da monarquia de Valdevez, de Aljubarrota, e de Montes-Claros.

XVIII

Povo desvairado, dói-te de ti próprio. Sabes, acaso, a quem os homens das trevas pretendem submeter-te e a teus filhos e netos?

Dir-to-ei, oh povo, para que nos futuros momentos de aflição não digas ao Eterno: – Senhor, salva-me, porque eu não soube o que fiz!

Ódio de sete séculos te separa desses futuros senhores: vinte batalhas, em que os teus cavaleiros venceram os seus, jazem não vingadas nas suas recordações.

Houve tempo em que eles puseram o pé no colo de nossos maiores, e a vida destes foi durante esse período tecida de amargura e de infâmia.

Então, além do oceano, nos campos de tua glória, sentia-se um ruído incessante. Eram as tuas fortalezas que desabavam; eram as tuas naus que se afundiam; era o teu poder que expirava.

Nas veigas, o arado ficava esquecido no meio do sulco, e no prado e no monte os novilhos mugiam debalde pelo seu guardador:

Porque os mancebos eram levados a combater em países remotos, para sustentar a tirania de seus senhores, e, novo género de ludíbrio, também oprimidos, quinhavam as maldições lançadas sobre os opressores da sua pátria.

À viúva e ao órfão era arrebatado o óbolo do tributo e este ia acumular-se nos cofres dos estranhos e servir, depois, ao luxo e à devassidão.

O soldado espanhol estava em pé, encostado à lança, junto às ameias de nossos castelos, e o escravo português que passava ao sopé dos muros pregava os olhos no chão, e a dor acabrunhava-lhe o espírito.

As cidades foram saqueadas, os patíbulos ergueram-se, os homens de valor e virtude derramaram-se pela face da terra.

Mas os portugueses lembraram-se um dia de que o eram, e levantando os braços para o céu, com os grilhões que lhos roxeavam esmagaram os crânios dos opressores estrangeiros.

E breve os campos da Espanha talados, as suas aldeias arrasadas, os seus valentes postos à espada, pagaram injúrias de sessenta anos.

E na terra adubada com cinzas e sangue se lançaram sementes de malevolência perpétua entre as duas nações.

Ai de nós, ai da pátria, se o leão da Ibéria pudesse rugir solto pelas nossas montanhas, e vir acoutar-se debaixo de nossos tectos!

E isto é o que pretendem os destruidores da liberdade, os suscitadores da anarquia.

Saúde pois o povo os tribunos e obedeça-lhes, enquanto eles não consumam a sua abominável obra; enquanto o não entregam, como um rebanho de ovelhas, nas mãos dos seus futuro algozes.

Nós, os que não nascemos para a servidão, ergueremos as campas de nossos pais, e ricos com estes restos queridos, iremos depositá-los debaixo do cipreste do desterro.

Não, o Espanhol orgulhoso não calcará as cinzas dos nossos valentes, embora possua esta terra corrupta e serva; embora venha riscar da face dela todos os monumentos dos séculos da nossa glória.

XIX

Tal é, oh povo, o futuro que para ti guardam os teus tribunos no tesouro de maldade de que são ricos os seus corações.

Tu gerarás cativo e não ousarás queixar-te; e as orações e as lágrimas das tuas noites de tribulação e vigília não romperão os céus, tornados para ti de bronze.

Eis porque os filhos da perdição suscitaram no teu seio o grito da guerra civil: foi para que a espada do fratricídio devorasse os teus fortes, e se fartasse e embriagasse com o sangue deles.

Para que, inerte e enfraquecido, estendesses os braços às cadeias e curvasses o joelho ante aqueles de quem receberam o preço da tua liberdade.

Acaso poderão negá-lo? – Não: porque o mistério da iniquidade foi revelado, e a voz que o patenteou era bem alta, e ressoava desde o Tejo até às alturas dos Pirenéus.

Crê, agora, plebe iludida, crê que os homens que te vendem a estranhos, melhor te venderiam a um tirano doméstico.

Crê que se homens tais fossem a única barreira alevantada entre ti e aquele que nós expulsamos e tu maldisseste em teus hinos populares, semelhante dique fora facilmente transposto pela torrente das vinganças do despotismo.

Que um pouco de ouro se espalhasse, e as comportas que rebatem o oceano de sua cólera seriam por eles abertas de par em par, para te mergulharem em um pélogo de agonias.

Tu os verias até combater por soldar o ceptro de ferro que quebrámos, se nessas almas mesquinhas houvesse valor para escutar o silvo do pelouro, para ver o lampear da espada erguida.

Ouvi-los-ia protestar que as suas mãos estavam puras do sangue vertido nas lutas da liberdade, nas lutas de um contra dez; que entre si e esse cantinho de Portugal revolvido durante um ano pelas bombas e granadas, varrido pela metralha, fustigado pelo granizo das balas, visitado longamente pela fome e pela peste, tinham mantido com esmero a moderada distância que medem as solidões do oceano.

E falariam verdade; e seria por ventura o único dia da sua vida hipócrita em que assim o fizessem.

XX

Numa visão junta Deus o passado e o futuro; porque para ele não existem nem espaço nem tempo. Visão, pois, do Senhor foi a que se me representou.

Parecia-me ver uma grande cidade: rodeavam-na antigos muros e baluartes, cruzavam-se ruas estreitas e tortuosas dentro do seu âmbito, semelhantes à rede do pescador, e, por entre uma selva de edifícios humildes, surgiam, aqui e acolá, torres pontiagudas subtilmente lavradas, e templos alumiados por frestas esguias ornadas de vidros corados, que reflectiam o sol ocidental em espectros de luz variadíssima.

Grande número de cavaleiros corriam pelas praças, e iam armados de elmos e saios de malha e grevas de aço, que cintilavam, e nos seus olhos e faces assomavam espíritos valorosos.

E os campos circunstantes estavam cultivados, e a cruz plantada em todos os termos dos caminhos e em todas as encruzilhadas.

E conhecia-se nos rostos dos homens que passavam pela cidade e pelos campos que em seus corações havia virtude e contentamento.

E próxima desta povoação estava outra muito mais aprazível no primeiro aspecto: as suas ruas espaçosas: aformoseavam-na os jardins e hortos, e surgiam no meio dela nobres e opulentos edifícios.

Viam-se ainda aí alguns templos, mas arruinados e solitários, e como que monumentos da queda de toda a crença.

E os campos que se dilatavam ao redor dela estavam áridos e ermos. Nem uma só cruz lá se descobria.

E os homens passavam silenciosos uns por outros. Das almas, turbadas por paixões tempestuosas e por crimes, subiam-lhes às frentes anuviadas, em onda de sombras, os escuros pensamentos.

E estas duas cidades eram a imagem dos tempos que foram e dos tempos que hão-de ser.

XXI

E na cidade do passado os coruchéus e eirados dos seus apinhados edifícios eram para os meus olhos, que divisavam tudo quanto se passava no interior dos aposentos, como o cristal translúcidos.

Em uma das quadras de um desses edifícios estava um velho, e derredor dele suas filhas, que o cercavam de amor.

E ao canto via-se um arnês, por muitas partes falsado e roto, e um elmo abolido e com as enlaçaduras quebradas. Só aí faltava uma espada.

E quando eu considerava este velho guerreiro rodeado dos seus e as alfaias e os adornos desta habitação tranquila; quando bebia o hálito de paz que tudo aí espirava, um mancebo armado entrou na sala: na cinta trazia metido um estoque largo e curto, espada do homem valente, cujo punho em cruz lhe assentava sobre o coração.

E dos lábios das donzelas partiu um grito: este grito dizia que o mancebo era seu irmão. Abraçando-o, os olhos se lhes arrasavam de lágrimas.

O velho ergueu a cabeça e olhou com aspecto severo para o soldado, que se aproximou de seu pai, como se estivera perante o seu juiz.

Fronteiro de África! – disse o ancião – Posso acaso abençoar-te como filho, ou cobriste de infâmia o meu nome e a minha espada? Quais foram teus feitos no serviço da pátria, da religião e do rei?

E o moço, calado, desenlaçou a couraça e, afastando as roupas que lhe cobriam o peito, mostrou as cicatrizes de golpes da lança do árabe e do alfange mourisco.

E o velho, levantando-se trémulo, contava-as, e as lágrimas também lhe banhavam o rosto, e depois apertou o filho entre os braços por largo tempo.

Daí a pouco, armas ainda não ferrugentas estavam encostadas às do ancião no ângulo da sala, e afora elas, via-se lá uma espada.

E esta família era feliz; porque havia aí virtude, honra e amor filial e fraterno.

Mas esta parte da visão passou, como um sonho formoso; como os homens virtuosos dessas épocas, sobre os quais dorme o silêncio dos tempos que já não são.

XXII

E o espírito de Deus colocou-me sobre a moderna cidade.

E aos meus olhos estavam patentes os segredos domésticos e a vida íntima da sociedade, e observando-os, o coração me desfalecia à vista de tantas abominações.

Via a corrupção em quase todas as famílias; crimes em grande números delas; temor de Deus quase em nenhuma.

E clamei ao Senhor na minha aflição, e disse-lhe: – Oh meu Deus, porque abandonaste este povo?

E dos céus me foi respondido: – O povo é que abandonou os caminhos da salvação e se afastou de sob as asas da piedade divina.

O perjúrio foi santificado pelos que se chamaram eleitos do povo, e este os vitoriava quando eles assim quebravam o mais forte vínculo social e preparavam a queda da república.

A religião avita apresentou-se às portas do senado, pedindo a esses homens soberbos a deixassem subsistir neste país desgraçado, para enxugar lágrimas de desditosos e ser a última esperança daqueles que perderam todas as outras.

Porém, como prostituta vil, a religião de nossos pais foi coberta de motejos, e, entre risadas, lançada fora do santuário das leis.

E houve aí quem dissesse: – Que temos nós com Deus? – e as turbas aprovaram o dito.

E o Dominador dos orbes respondeu: – Nada terei convosco!

E o universo tremeu a estas palavras, que logo foram escritas no livro da morte.

Ai daqueles que romperam o pacto do Criador com a criatura: ai daqueles por cuja boca falou o espírito das trevas. A blasfêmia cairá sobre a cabeça dos blasfemadores; e o sepulcro lhes dirá onde é a pátria dos que motejam de Deus!

E esta voz de cima acabrunhou-me o coração; porque não sabia como desculpasse perante a Providência os pecados do povo. O anátema estava lançado, e a consciência me dizia que o céu tinha sido justo: nem ousei implorar outra vez a misericórdia divina.

Então olhei para a cidade que me ficava debaixo dos pés, onde sussurrava um ruído de vida, mas ruído semelhante ao de mar proceloso e ameaçador de naufrágios.

E só descobri rixas e bandos civis, e assassínios atraíçoados e dissoluções, e o roubo e a embriaguez.

O filho passava por junto do fêretro materno, que homens pagos levavam com escárnios ao campo do esquecimento, e perguntava o nome desse cadáver.

Junto ao leito de pai moribundo, as filhas entregavam-se à prostituição, e ao velho, morrendo, era último sentimento o do opróbrio.

Longa era esta cena de crimes, e parecia-me que fechava os olhos para não ver tão horrível espectáculo. Neste momento a visão desvaneceu-se e achei-me banhado em suor frio e repassado de amargura.

E por impossível tinha que tão negro futuro houvesse nunca de verificar-se: mas súbito ouvi muitas vozes que diziam: – Guerra à religião do Cristo!

Então cri na visão que o Senhor me enviara, e apagou-se-me na alma o último clarão de esperança.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>
